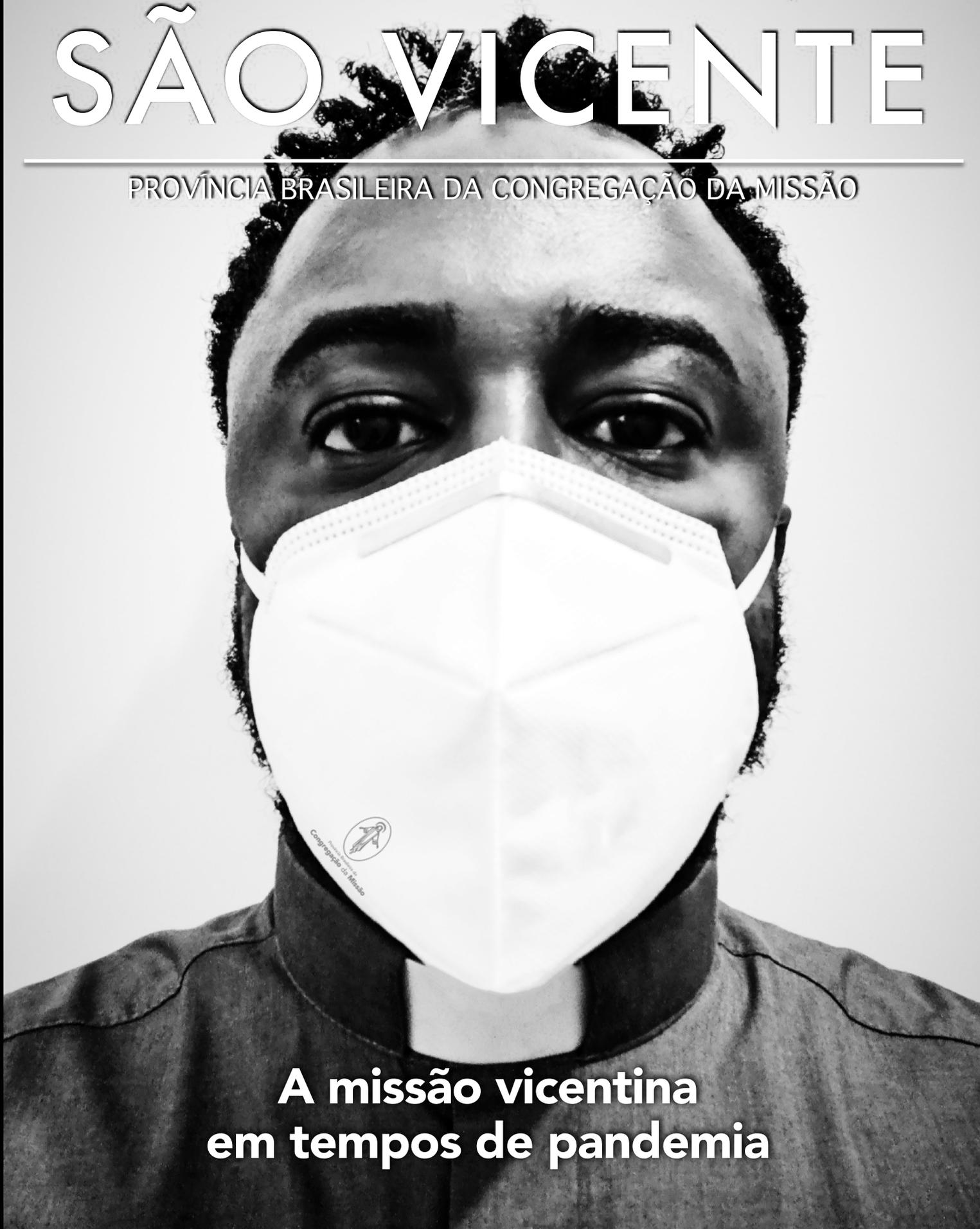


INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



**A missão vicentina
em tempos de pandemia**

2020 e a banalização do mal à moda tupiniquim

O *Ano Domini MMXX* não parece coberto pela Graça do Senhor! Começo o texto com essa breve heresia para demonstrar o quão decepcionante, pesado e triste o foi o primeiro semestre. Poderia elencar dezenas de fatos que deixariam um gosto mais amargo que o da cerveja *Backer*, na garganta do leitor. Porém, para além da incontável sequência de infortúnios e calamidades, 2020 nos surpreende com a erupção em massa de gente ruim. Neste ano, os maus perderam a vergonha de demonstrar publicamente suas crueldades mais perversas e eles têm, nas redes sociais, o espaço propício para destilar seu veneno assassino. Parafraseando Umberto Eco, o drama das redes sociais é que elas deram voz à legião de gente ruim e o seu brado é sempre mais alto que o canto daqueles buscam o bem.

Enquanto isso, no Brasil, potencializados por um líder nacional cujo senso ético, estético e social é vizinho do zero, uma horda de gente elitista (ainda que muitos não sejam da elite), racista (ainda que muitos sejam pretos) e machista (ainda que muitas sejam mulheres) teve a cara de pau de reivindicar para si a reputação de “cidadãos de bem”. A elite brasileira é tão absurdamente imoral, que tenta vender, como bem, todo mal que ela nos faz. O auto-proclamado “cidadão de bem” costuma ser obscurantista, inimigo da ciência, propagador de fake news, pró-ditadura e contra os programas sociais da agenda progressista, é conservador, no pior sentido da palavra, pois deseja que a sociedade permaneça socialmente desigual, negando oportunidades às minorias e aos menos favorecidos.

Essa não despropositada confusão de conceitos faz lembrar a Alemanha dos anos de 1930, quando a propaganda da extrema direita inverteu os pólos do senso ético daquela nação, fazendo com que cidadão comuns, antes incapazes de ameaçar uma mosca, deixassem brotar em seus corações maldade tão grande, que até mesmo o extermínio em massa de minorias indefesas lhes pareceu comum, era o mal personificado e banalizado a ponto de não ser percebido. Enquanto se ocupava de estudar o conceito da banalização do mal, a filósofa Hanna Arendt, analisou as falas e justificativas do genocida nazista Adolf Eichmann, durante seu julgamento em Jerusalém, e notou nele uma pessoa incapaz de demonstrar sentimentos como culpa ou arrependimento. *“Eu não era um líder responsável, e, como tal, não me sinto culpado”*, afirmou Eichmann, a quem Arendt chamou de *“terrível e assustadoramente normal”*.

Atualmente nos encontramos cercados de pessoas “assustadoramente normais”, que seguem cegamente os ditames de um líder incapaz de sentir empatia, de prestar condolências, de dizer obrigado ou de pedir perdão. Um incivilizado, cujo único propósito parece ser semear a praviidade no coração dos brasileiros. Não se espantem se daqui a alguns anos, quando o “mito” for desmascarado, seus seguidores, ao modo de Eichmann, não demonstrem nenhuma culpa ou pesar pelas atrocidades com as quais foram coniventes, porque estarão muito afastados daquele sentimento que nos garante a mínima exigência para que mereçamos o epíteto de “civilizados”, a solidariedade.

Termino replicando um pequeno texto que li, recentemente, no qual o Dr. Ira Byock recorre à sabedoria da notável antropóloga Margaret Mead, para explicar a importância da solidariedade no processo civilizatório da humanidade. “Há muitos anos, um aluno perguntou à Margaret Mead o que ela considerava ser o primeiro sinal de civilização numa cultura. O aluno esperava que Mead falasse a respeito de anzóis, panelas de barro ou pedras de amolar. Mas não. Mead disse que o primeiro sinal de civilização numa cultura antiga era um fêmur (osso da coxa) quebrado e cicatrizado. Mead explicou que no reino animal, se você quebrar a perna, morre. Você não pode correr do perigo, ir até o rio para beber água ou caçar comida. Você é carne fresca para os predadores. Nenhum animal sobrevive a uma perna quebrada por tempo suficiente para o osso sarar.

Um fêmur quebrado, que cicatrizou, é evidência de que alguém teve tempo para ficar com aquele que caiu, tratou da ferida, levou a pessoa à segurança e cuidou dela até que se recuperasse. *‘Ajudar alguém durante a dificuldade é onde a civilização começa’*, disse Mead”.

Em um mundo marcado pela pandemia da falta de amor, nós vicentinos somos chamados a dar testemunho de sincera solidariedade, a fim de colaborarmos no processo de reumamização dos espaços onde trabalhamos e das pessoas com quem convivemos.

O ISV deste semestre é filho de seu tempo. Temos textos que abordam temas como o racismo e a pandemia (vide nossa capa!), mas há também o que ler acerca da história da Província e sobre nossas ações solidárias nestes tempos difíceis, entre outros assuntos do dia-a-dia missionário. Boa leitura. ■

Ir. Adriano Ferreira, CM



SUMÁRIO

Palavra do Visitador | pág. 4

Saúde mental e espiritual em tempos de Pandemia
Pe. Eli Chaves dos Santos

Artigo | pág. 6

O provincialato do Pe. José Elias Chaves, CM
Pe. Luiz de Oliveira Campos

Cotidiano Provincial | pág. 10

Covid-19: tempos desafiadores
Sacha Leite

Espaço dos Seminaristas | pág. 15

O germe latente da intolerância
Sem. Allan Ferreira

Família Vicentina | pág. 16

A saga do Conde de Aljezur
Renato Lima (SSVP)

Ação Social | pág. 18

A função social dos bens da PBCM
Pe. Emanuel Bedê Bertunes

Pastoral Vocacional | pág. 20

A cultura vocacional
Pe. Denílson Matias

Cotidiano Provincial II | pág. 22

Nova direção do Santuário do Caraça
Pe. Lauro Palú, Pe. Luís Carlos do Vale e Pe. Alexandre Nahass

Especial 200 anos | pág. 26

Impressões sobre os materiais produzidos para os 200 anos da Congregação da Missão no Brasil
Da Redação

Província On-line | pág. 28

Novo site da PBCM e Leonardo Boff participa de live do CSVP
Da Redação

Cultura | pág. 30

Dicas de filme e Livro
Pe. Alexandre Nahass e Pe. Vinícius Teixeira

Memória da Província | pág. 30

Há 102 anos o mundo padecia com a Gripe Espanhola
Da Redação



Província Brasileira da
Congregação da Missão

EXPEDIENTE

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM
Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe. Emanuel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM | Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Sem. Allan Ferreira | Pe. Alexandre Nahass Franco | Pe. Denílson Matias da Silva | Pe. Eli Chaves dos Santos | Pe. Emanuel Bedê Bertunes | Pe. Lauro Palú | Pe. Luiz de Oliveira Campos | Confrade Renato Lima de Oliveira | Pe. Vinícius Augusto Teixeira

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

www.pbcm.org/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br
Tel: (21) 2556-1055

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Foto de capa

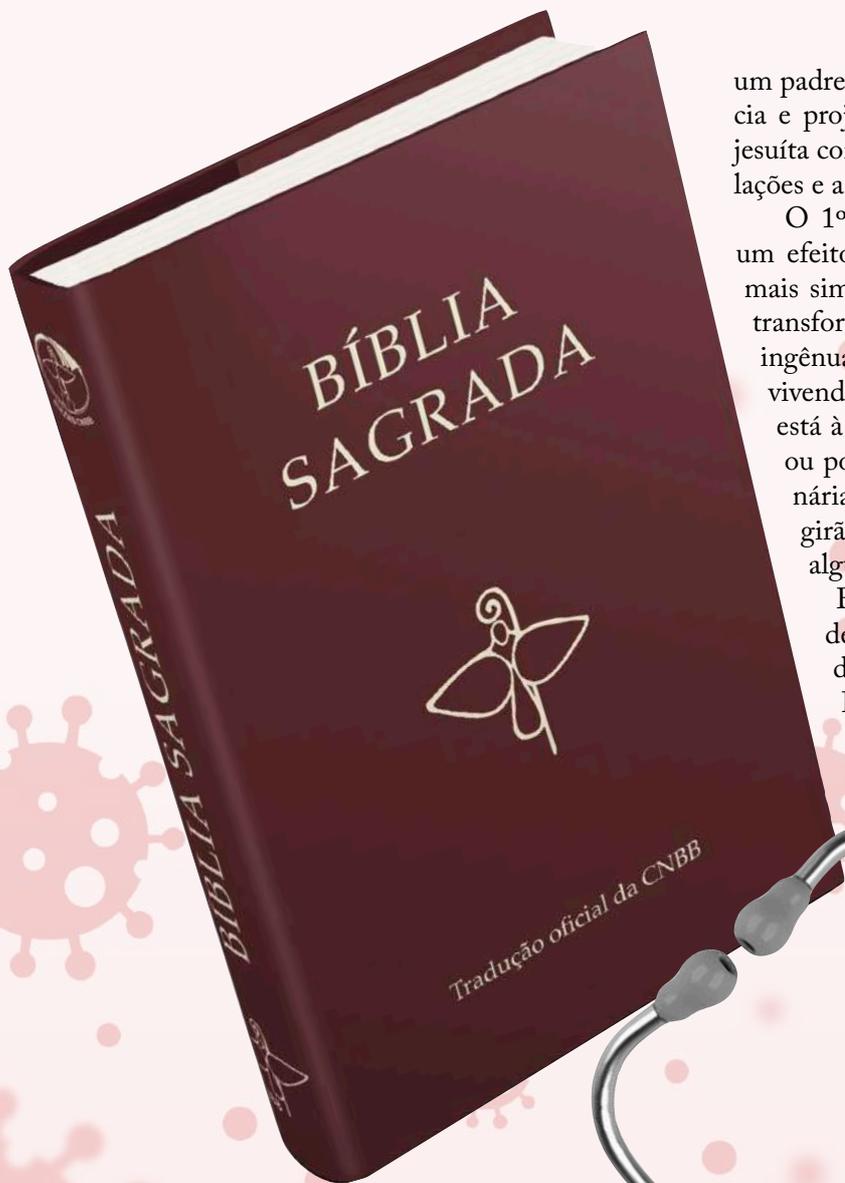
Seminarista Adriano Almeida Pires

As matérias e artigos assinado são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Saúde mental e espiritual em tempos de Pandemia

Quatro elementos iluminadores para o vigor da nossa missão vicentina



um padre jesuíta que pode nos ajudar a processar essa experiência e projetar nossa vida missionária, agora e no futuro. Este jesuíta constatava três enfoques ou visões existentes nas especulações e análises que estão sendo feitas sobre a pandemia.

O 1º. enfoque ele chama de utópico: esta pandemia terá um efeito transformador positivo, ajudando-nos a viver vidas mais simples e mais sustentáveis. Vamos sair desta pandemia transformados e melhores. É uma perspectiva positiva, mas ingênua. O 2º. enfoque é chamado de distópico. Estamos vivendo um grande colapso econômico. A própria civilização está à beira do colapso! Esta é uma visão apocalíptica, nada ou pouco podemos fazer. O 3º. enfoque é a “visão estacionária”: A pandemia passará, a vida seguirá em frente. Surgirão novos problemas, não adianta tentar mudar coisa alguma para melhor, tudo seguirá como antes.

Estas três visões, dizia o jesuíta, nos desempoderam, desconhecendo nossa condição de agentes construtores da história e deixam Deus totalmente fora da cena.

Para ler e enfrentar este momento na fé, o pregador jesuíta apresentava o ícone dos discípulos no cenáculo. Com a presença, a oração e a vida comunitária, os discípulos formam a Igreja e enfrentam, com as luzes do Espírito, os desafios de seu tempo. Aí, Deus

Aqui em nosso Informativo São Vicente, entre nossas reflexões e partilhas, um pouco de nossas experiências nestes tempos de pandemia, quando todos nós estamos sendo bombardeados com inúmeras mensagens, notícias e análises. Sentimos necessidade de trabalhar o impacto da pressão que sofremos e preservar a saúde mental e espiritual.

Como estamos cultivando nossa saúde mental, espiritual e vicentina? Penso que cada um deve estar lendo e refletindo muito sobre essa pandemia. Ela muito nos afeta e nos afetará em tudo, em nossas vidas, nas comunidades, na Igreja, na sociedade, na política, na relação com a natureza, até na nossa fé. Nestes dias, li e apreciei uma homilia de

abriu um espaço no qual Ele pôde construir um futuro para nós e em parceria conosco.

Pegando carona com este jesuíta, sugiro que nós da Família Vicentina tomemos, entre tantos textos bíblicos, o ícone da primeira multiplicação dos pães e peixes realizada por Jesus em Mc 6, 30-44, para ler, compreender e enfrentar esse momento. Neste ícone, destaco quatro elementos iluminadores para a saúde de nossa missão vicentina:

Presença compassiva: Jesus percorre várias localidades, anuncia o evangelho, compadece-se do povo sofrido e faminto e realiza ações transformadoras. Antecede a esse texto de Marcos, o relato da morte de João Batista por Herodes (6, 14-30), num banquete, por ocasião do aniversário de Herodes. Enquanto este realiza um banquete de morte com os poderosos, Jesus realiza um banquete de vida com os pobres e famintos. Estes estão como ovelhas sem pastor, ou seja, seus pastores, Herodes e autoridades estão banqueteadando-se em seus egoísmos e interesses próprios. Em Jesus evangelizador dos pobres, este momento é tempo de ser presença de fé, profética e solidária com a vida ameaçada, com as multidões sofridas.

Diálogo com Jesus e escuta de sua Palavra: Diante do imprevisível da multidão faminta, os discípulos dialogam com Jesus, pedem sua orientação, ouvem e seguem sua Palavra.

Agora é tempo de conversar com Jesus e ouvir sua Palavra, é tempo de oração. Quando eu rezo e escuto a Palavra, abro espaço para Deus, revisto-me dos sentimentos e atitudes de Jesus, a oração realiza em mim a própria criatividade de Deus. Dizia São Vicente: “Dai-me uma pessoa de oração e ela será capaz de tudo”. “A oração é o reservatório onde encontramos as orientações necessárias para desempe-

nharmos os serviços que nos forem confiados”. Na oração e escuta da Palavra, alimentamos a fé e a esperança e discernimos a vontade de Deus e o que fazer neste momento de pandemia.

União e Comunhão: Jesus sintoniza seu coração com as necessidades do povo e projeta uma nova forma de vida. Desperta e compromete seus discípulos para, juntos e em comunhão, atender às necessidades do povo. Os discípulos agem juntos, organizados e sintonizados com as necessidades da população faminta. Ao contrário de Herodes e das autoridades atuais, fechadas em seus interesses egoístas e autoritários, precisamos cultivar o espírito comunitário. Papa Francisco diz: “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo” (LS, n.).

Os discípulos agem juntos, organizados e sintonizados com as necessidades da população faminta. Ao contrário de Herodes e das autoridades atuais, fechadas em seus interesses egoístas e autoritários, precisamos cultivar o espírito comunitário. Papa Francisco diz: “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo” (LS, n.).

A partilha solidária e criativa: Jesus anuncia uma nova forma de vida, onde a partilha, a comunhão e a participação organizada são atitudes fundamentais. Jesus recria a vida, com a novidade da solidariedade e da partilha. Agora com nossas atividades habituais suspensas e ficando mais em casa, somos chamados a recriar nossa vida e missão na solidariedade e na partilha. Não podemos ficar resignados e passivos. Buscando maior conversão a Cristo evangelizador dos pobres e com o

exemplo de São Vicente, somos chamados a desinstalar-nos de nossas seguranças e confortos, reinventar-nos, e descobrir e viver o amor que é inventivo ao infinito.

Então, se olharmos para a história da humanidade, para nossas próprias histórias – que não foram nem utópicas, nem distópicas e muito menos estáticas –, constatamos que elas foram imprevisíveis e cheias de desafios, mas também cheias da graça de Deus e de buscas constantes para responder os apelos de Deus em cada momento. Deus esteve em cena no nosso passado, exatamente como está presente agora. Na luz de Cristo evangelizador dos pobres, possamos acolher hoje a presença de Deus que age e nos convida a viver de modo saudável e a construir um futuro novo na presença compassiva, no diálogo com Jesus e escuta de sua palavra, na união e comunhão e na ação de partilha solidária e criativa. ■

Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

O provincialato do Pe. José Elias Chaves, CM

Breve retrato da Província Brasileira da Congregação da Missão nos anos de 1970

Decorridos mais três anos como Provincial (1967-1969) aceitos somente por amor à Congregação, o Padre José Paulo Sales, já cansado e até desanimado, com tantos problemas, se alegrou e deu graças a Deus ao ver eleito, na Assembleia Provincial de 1970, o Padre José Elias Chaves como novo Provincial da PBCM. Eram tempos difíceis: As propostas do Concílio Vaticano II tiveram forte impacto na vida da PBCM, que, a partir de 1960 viveu um delicado momento de crise, passando a Província dez anos sem nenhuma ordenação sacerdotal (1966-1976).

Padre Chaves animou e coordenou um gigantesco esforço de enfrentamento desta crise. No caminho aberto pelo Concílio, Padre Chaves ajudou muitíssimo a PBCM a repensar seu modo de ser e agir Missionário sempre com fé e otimismo. Quando alguém lhe dizia “que os grandes Lazaristas estavam morrendo e acabando” ele respondia prontamente “não se preocupe, os pequenos estão crescendo.” A primeira viagem do Padre Chaves foi ao Santuário do Caraça, Casa Mãe da Congregação no Brasil. Foi pedir a Nossa Senhora Mãe dos Homens as bênçãos, a luz e a força para dirigir e reorganizar a Província no Brasil.

Saída dos Seminários

Tão logo assumiu a direção provincial, o Pe. Chaves arregaçou as mangas e começou a trabalhar. Ainda eram dirigidos pelos Padres da Missão quatro Seminários: Assis-SP (Seminário São José), Brasília-DF (Seminário Nossa Senhora de Fátima), Luz-MG (Seminário Nossa Senhora da Luz) e Aparecida-SP (Instituto Bom Jesus), que não demoraram a sair-lhes das mãos. O último, de Aparecida, no Colegião tinha sido aceito em 1969 a pedido do Sr. Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, no momento Arcebispo de Aparecida.

O Padre Lauro Palú, depois de um Curso para formadores no Rio Grande do Sul (São Leopoldo), era o Reitor. Houve muito proveito para nossos Seminaristas Maiores, de tal modo que o Padre Lauro, nos três primeiros anos, pôde elaborar o Estatuto para nossos futuros Seminários.

Os Bispos de Assis e de Brasília, após um ano não quiseram que nossas experiências continuassem. O Seminário de Luz fechou por falta de alunos e o de Aparecida continuou até 1976, com muito proveito, mas os

nossos Seminaristas Vicentinos se transferiram para Belo Horizonte com o final do Contrato em Aparecida.

Missões

Terminada assim a ação na formação do Clero, o Padre Chaves voltou a sua atenção, de maneira especial, para o primeiro fim da Congregação: As Missões à luz dos Documentos do Concílio Vaticano II. Com coragem, prudência, diálogo frequente com os Coirmãos dispersos, com a “bandeira das Santas Missões”, num trabalho de conjunto, sob o carisma de São Vicente, torna-se fácil enumerar as diversas iniciativas missionárias:

1) *Jiribatuba na Ilha de Itaparica, na Bahia*: Era um trabalho pioneiro, uma verdadeira “Missão ad Gentes”, com um povo bom e alegre, mas totalmente afastado do Cristianismo. À frente da Missão estava o Padre Argemiro Moreira Leite, auxiliado por dois outros Missionários e duas Irmãs Vicentinas, da Província do Rio de Janeiro e depois do Recife. Foram anos de trabalho, com muita paciência e caridade de todo gênero, lançando os fundamentos entre o povo de uma futura mentalidade cristã.

2) *Espírito Missionário Renovado nas Missões de Campina Verde, região do Triângulo Mineiro*: Atualizando o que semearam nossos antigos Missionários: padres Jerônimo Macedo, Guilherme Van de Sandt, José Ribeiro de Freitas e outros. Desta vez o Mestre das Missões foi o Pe. Ézio Rodrigues de Lima, cheio de zelo atualizado após um Curso de Missiologia, feito em Paris. Ajudaram-no o Pe. Dásio Moura, e o Pe. João Maria Barbosa. Apareceram mais tarde outros auxiliares: padres Antônio Gomes Pereira e Antenor Pinto de Rezende.

3) *Projeto Comunitário*: Outra atividade do Provincial Pe. José Elias Chaves foi exigir que se retomasse, em todas as Casas, a elaboração e a apresentação do Projeto Comunitário Anual, compreendendo o pessoal, o comunitário, o missionário e o financeiro, para conhecimento da PBCM e auxílio da memória dos Coirmãos da Casa.

4) *Paróquias Missionárias*: Uma vez que, na revisão das Obras, não foi possível ou conveniente deixar algumas Paróquias tradicionais, resolveu-se criar as chamadas Paróquias Missionárias, que, no mundo vicentino de

Pobreza, tivessem o rosto vicentino, onde nossos Estudantes encontrariam trabalho pastoral, segundo o carisma de São Vicente de Paulo. Duas Paróquias foram criadas: Paróquia Menino Jesus, em Diadema-SP, na periferia, e a Paróquia Santa Maria de Nazaré, também na periferia de Belo Horizonte-MG.

O trabalho realizado foi sendo publicado no Informativo São Vicente. As Paróquias, depois de organizadas, foram devolvidas às Dioceses e os estudantes procuraram outras Regiões mais carentes, como o Bairro Paulo VI, em Belo Horizonte, de onde nasceu a Paróquia Pai Misericordioso.

5) *Missões em Bambuí, no Oeste Mineiro:* Com a presença do Superior Geral da Congregação da Missão, Padre James W. Richardson, CM, foi solenemente inaugurada a Missão em Bambuí, no dia 26 de Julho de 1975, Festa de Santana, padroeira da cidade. Os dois primeiros Sacerdotes Missionários para esta Missão, em Bambuí, foram o Padre Rafael de Paulo Lopes e o Padre Luiz de Oliveira Campos. Mais adiante, no ano de 1977 chegou o Padre Lucas de Paula Almeida, que já trabalhara em Bambuí, como Diácono e mais tarde ainda, o Pe. Hélio Carneiro e o Pe. Ildeu Pinto Coelho. Esta Missão também contou com a participação de duas Irmãs Vicentinas: Filomena Figueiredo e Bernadete Luz e, mais adiante, outras duas Irmãs: Terezinha e

Augusta. Padre Luiz de Oliveira Campos depois de um ano e meio deixou as Missões e assumiu a Paróquia de Santana de Bambuí. Esta Missão contou sempre com muita ajuda dos Leigos. Foram missionadas algumas cidades como Bambuí, Iguatama, Delfinópolis, Medeiros, Córrego Danta, Tapiraí e Pratinha. Estendendo-se, depois, para o Triângulo Mineiro: Iturama, Itapagipe, Carneirinhos e Limeira do Oeste.

6) *Preocupação com o Caraça:* Foi no tempo do Padre Provincial José Elias Chaves que se começou a cuidar seriamente do Caraça, depois do incêndio (28/05/1968). Foi enviado para lá o Pe. Sebastião Mendes Gonçalves, no começo de 1972, auxiliado pelo Ir. Nilo Neto e Dona Maria Nogueira, que trabalharam heroicamente para tornar a casa habitável e limpa, substituindo a deficiência material de conforto pela atenção para com os hóspedes e turistas. Com a ajuda do Governador de Minas, Dr. Rondon Pacheco, Padre Sebastião conseguiu melhorar a estrada com a terraplanagem, por ocasião do ano do bicentenário do Caraça do Irmão Lourenço (1774-1974). Dois anos depois, o Governador seguinte, Dr. Aureliano Chaves, lançou a fita negra do asfalto (10/8/1976). Foi como se abrissem as comportas para a invasão dos peregrinos, turistas, cientistas, mas também os “farofeiros”. Em socorro do Pe. Sebastião Mendes, foi colocado no Caraça o Padre José >>>

Início das obras de pavimentação da estrada do Caraça, em 1974 (a obra foi inaugurada em 1976)



O GOVERNADOR
RONDON PACHECO
AQUI PRESIDIU A SOLENIDADE,
DO INÍCIO DAS OBRAS DE
IMPLANTAÇÃO E PAVIMENTAÇÃO
DO ACESSO DA MG-5 AO CARAÇA,
NO DIA 2 DE AGOSTO DE 1974,
ANO DO BI-CENTENÁRIO DE SUA
FUNDAÇÃO.

Tobias Zico (1976), que encontrou dois grandes melhoramentos, realizados com muita economia e sacrifício: a comunicação com o Seminário do Trevo em Belo Horizonte por meio da Rádio Motorola; e a presença de um caminhão Ford 350, que prestou serviços durante 25 anos.

7) *Pastoral Vocacional e Formação*: Depois da crise vocacional (1966 a 1976 sem ordenações), a PBCM em 1979 podia contar com 13 Casas Canônicas, 26 Residências, 4 Bispos, 101 Sacerdotes, 1 Assistente Geral em Roma, 1 Diácono e 15 Irmãos Leigos. A Província estava calma e os Coirmãos trabalhando, fazendo seus planejamentos e revisões, querendo acertar, participando dos Retiros Provinciais, Assembleias e Encontros. Os frutos da Formação dos nossos Seminaristas começaram a aparecer. Foi proveitosa no Instituto Bom Jesus em Aparecida a presença dos nossos Seminaristas, juntamente com Seminaristas de algumas Dioceses, sob a direção do Pe. Lauro Palú auxiliado pelo Pe. Geraldo Humberto Venuto e Pe. Maurílio Camelo. Deixado o Instituto Bom Jesus, cuja direção passou para os Padres Diocesanos, após 8 anos de existência, vieram os nossos Filósofos para o Instituto São Vicente (Trevo) em Belo Horizonte, com alguns Seminaristas Diocesanos, afim de frequentarem a Universidade Católica. O Seminário Interno (tornado intermitente), a título de experiência vai sendo realizado ao longo dos estudos de Filosofia e Teologia, a partir de Julho de 1972, com reuniões semanais e estágios de estudos e reflexões e trabalhos pastorais. Em Petrópolis, sob a direção do Pe. Ildeu Pinto Coelho, estavam nossos Teólogos no Seminário São Vicente de Paulo, reaberto no início de 1972, mas realizando os seus estudos no Instituto de Filosofia e Teologia dos Franciscanos.

8) *Instituto Superior de Pastoral Catequética - ISPAC - para sacerdotes, religiosos e leigos*: O fundador, a alma e o Diretor do ISPAC foi o Pe. Hugo de Vasconcelos Paiva. Depois de fazer seus estudos no Instituto Católico, em Paris (1959 a 1961), voltou ao Brasil e abriu, primeiro na Faculdade Santa Úrsula, depois no Colégio Sion, no Rio de Janeiro, o Instituto do ISPAC, dando grande contribuição da PBCM à renovação da Catequese no Brasil, particularmente para o Clero, os Religiosos e os Leigos, destinados à Coordenação da Catequese nas Dioceses, nos Regionais e nas Congregações Religiosas. Para isso, tinha o apoio de alguns Bispos como de Dom José Costa Campos, Bispo de Valença-RJ e dos outros responsáveis Regionais pelo Setor de Catequese. Também alguns Padres da Missão foram auxiliares do Pe. Paiva: padres Ildeu Pinto Coelho, Marçal Versiani dos Anjos, José Pires de Almeida e Antônio Gomes Pereira, bem como de outros no setor religioso e clerical: Pe. Hugo Assmam, Dom Estêvão Bittencourt e Irmã Bernadete Melo, F.C. Era uma Equipe preparada, séria e estudiosa dos Documentos do Vaticano II e da realidade brasileira. O Curso com aulas à tarde e Estágios na parte da manhã, era de um ano, com mais de cem alunos: Padres, religiosos(as) e tam-



Padre José Elias Chaves, Pe. Sebastião Mendes e Pe. Lauro Palú, no Caracá, em meados dos anos de 1970

bém uns poucos leigos(as). Houve, sem dúvida, muitos frutos, verdadeira mudança de mentalidade para o ensino da Catequese.

Não faltaram, porém, incompreensão e até calúnias contra o pobre do ISPAC. Em 1970 o ISPAC encerrou suas atividades, mas já havia estimulado o aparecimento de outros Institutos semelhantes, em Salvador, Porto Alegre e São Paulo. O de Salvador durou mais tempo. O de São Paulo surgiu de modo autônomo como o do Rio de Janeiro. Foram publicados sob a orientação do ISPAC muitos livros de Catequese, em traduções ou originais, sobre as fontes da Catequese e sobre a sua Renovação como também livros como resultados dos Estágios. A influência do ISPAC no Rio se prolongou por meio do “Curso *Mater Ecclesiae*” ainda ativo em muitas Regiões. Em Belo Horizonte, no Curso de Catequese da Universidade Católica, o ISPAC e principalmente o Padre Paiva foram apontados como responsáveis por toda Renovação Catequética no Brasil, depois de iniciada pelo Padre Álvaro Negromonte. Segundo o Padre Wolfgang Gruen, o ISPAC influenciou decisivamente para que a Evangelização na América Latina tomasse novos rumos, invertendo a prioridade da práxis sobre a ortodoxia. Tal reflexão repercutiu nos Documentos dos Bispos em Medellín, Puebla e São Domingos.

9) *Colégio Santa Bárbara-MG*: Dia 25 de Janeiro de 1971 foi o dia da tomada de posse do Patronato (Colégio Afonso Pena, em Santa Bárbara-MG), pelos Padres

Vicentinos, substituindo os Padres Salesianos. Diante do pedido das Autoridades da cidade de Santa Bárbara, o Provincial Padre José Elias Chaves aceitou a Direção do Colégio pensando no bem que poderia ser feito à juventude e no aproveitamento do prédio para um Seminário de uns trinta alunos. Assim começaria o trabalho de recrutamento que fora interrompido com o incêndio do Caraça. Dois anos depois, surgiram alguns problemas. De um lado, o boato de que a Prefeitura desejava assumir a Direção do Colégio, de outro, um Grupo Escolar começava a funcionar com extensão de quinta série. O Patronato foi devolvido à prefeitura em 1976. Os Padres deixaram na cidade muitos amigos entre o povo, pais de alunos e autoridades, o que repercutiu favoravelmente no Santuário do Caraça. Alguns alunos internos, terminado o primeiro grau, foram para o Seminário de Campina Verde e, em 1976, três alunos externos fizeram o mesmo, tornando-se Padres Vicentinos.

10) Usucapião das terras do Caraça: No dia 9 de dezembro de 1971 o Meritíssimo Juiz Dr. Edelberto Lelis Santiago, da Comarca de Santa Bárbara, em presença do Provincial Padre José Elias Chaves e do Sr. Prefeito Municipal Major Walter José de Noronha lavrou a sentença de Usucapião das terras do Caraça, oficializando do ponto de vista legal a **posse** de toda a área territorial, conforme o mapa, feito em 1906, e vários em Documentos do Arquivo do Caraça, a saber:

1º) *Da bacia do Caraça*, que pertenceu ao Irmão Lourenço e foi doada à Congregação da Missão por Dom João VI, pela Carta Régia de 31/01/1820.

2º) *Da Chácara de Santa Rita*, adquirida pelo Padre Leandro Rebelo em 1823.

3º) *Da Fazenda do Engenho*, comprada pelo Padre Musci em 1858, a Região mais fértil do Caraça.

4º) *Das terras do Capivari*, doação do Capitão Manuel Pedro Cotta, aos Padres franceses do Caraça em 1870.

11) Formação de Lideranças: Em 1978, com uma infraestrutura montada na Missão, puderam intensificar-se os Encontros de Formação de Lideranças. Da preocupação com a formação constantes destas lideranças surgiu o “Curso de Teologia Pé no Chão”, ocupando-se sobretudo com a Formação da Consciência crítica e Educação para a política. Estas lideranças chegaram a realizar Missões populares em todo o território Missionário. Promoveram-se várias atividades sociais; 1) Na área da Habitação. 2) Na área Jurídica. 3) Na área da Educação. 4) Na área da Saúde. 5) Na área da Profissionalização. 6) Na área da Construção. Foram encontradas as seguintes dificuldades: A presença dos Missionários foi muito marcada pela perseguição dos poderosos e dos pequenos fazendeiros ou latifundiários que se sentiam prejudicados, quando eram defendidos os interesses dos pobres. Não faltou também a perseguição aos políticos e a retaliação proveniente do Governador do Estado, primeira dama e prefeito, deputados, vereadores, quando se sentiram prejudicados nas suas ambições po-



Encontro de Dom José Elias Chaves e do Papa João Paulo II, em 1980

líticas. Várias vezes a Equipe Missionária teve de recorrer aos Tribunais para defender as propriedades das Comunidades Cristãs ocupadas por veranistas e outros invasores.

Padre José Elias Chaves Júnior é feito Bispo

Terminado o período de seu mandato Provincial, após rápida passagem pela Paróquia de Bambuí, como Pároco, foi nomeado no dia 21/5/1980, Bispo Prelado da Prelazia de Cametá-PA. Em seu primeiro ano em Cametá, como bom mineiro, ele buscou conhecer e visitar a Prelazia. Escutou, escutou, observou, analisou e rezou. A partir daí, fiel ao seu lema episcopal “Evangélizar os Pobres”, impregnado da Mística Missionária Vicentina e apoiado pelo testemunho apostólico dos Coirmãos holandeses, que, havia décadas, atuavam naquelas terras amazônicas, Dom Chaves dedicou-se profundamente ao povo de sua Prelazia. Foi um Bispo de todos, mas sobretudo um Bispo dos Pobres e para os Pobres.

Na sua primeira participação na Assembleia da CNBB, com sorriso simples e discreto, Dom Chaves contava que, ao final da década de 1980, muitos Bispos julgavam que a opção pelos Pobres não deveria constar no objetivo geral das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil. Então, ele, Dom Chaves, tomou a palavra e argumentou fortemente sobre a importância da opção dos Pobres e defendeu sua menção explícita no objetivo geral da ação pastoral da Igreja no Brasil. Após a aprovação pela Assembleia desta menção Dom Paulo Evaristo Arns, sempre amável e sorridente, se aproximou de Dom Chaves e, batendo em suas costas, lhe disse: “Muito bem, muito bem, no nosso time, você é o ponta esquerda titular”. E esse ponta esquerda titular do time da opção pelos Pobres merece ser colocado, quem sabe um dia, primeiro como Venerável, depois como Beato e finalmente Santo. É o que está almejando e desejando, a todo momento, a Prelazia de Cametá, quando toma conhecimento das graças alcançadas pela intercessão de Dom José Elias Chaves, CM. ■

Sacha Leite

Covid-19: tempos desafiadores

Apesar do cenário de pandemia, a Missão deve continuar. Veja as soluções dos Coirmãos da PBCM



Desde março de 2020, quando as autoridades governamentais brasileiras recomendaram o isolamento social a fim de reduzir a disseminação do novo coronavírus, representantes das casas e obras da Província Brasileira da Congregação da Missão se viram impelidos a assumir novas práticas a fim de garantir a continuidade dos trabalhos na Missão. Para produzir esta reportagem, a redação do Informativo São Vicente entrou em contato com alguns destes representantes, a fim de registrar os caminhos percorridos nesta época de exceção.

A partir desta consulta, observamos que, para algumas casas, houve a suspensão completa das atividades e o foco se voltou para o estudo de um cenário pós-pandemia. Já para outras, optou-se pela interrupção parcial da programação e pela reinvenção de suas ações, realizando novos projetos beneficentes e transpondo muitos conteúdos antes transmitidos presencialmente, para a virtualidade. Partilhamos aqui a “fotografia” de algumas casas e obras da PBCM, neste período peculiar.

Colégio São Vicente de Paulo: migração para ensino à distância

No 13 de março de 2020, quando o governo do estado do Rio de Janeiro publicou o decreto 46.970, decretando o fechamento das escolas, a direção do CSVP enviou uma mensagem à sua Comunidade Educativa informando a suspensão de todas as atividades presenciais. Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM, diretor do CSVP, contou que, nesse momento a prioridade foi zelar pela comunidade: “Nossa maior preocupação neste momento, coerentes com a virtude vicentina do zelo, foi oferecer um apoio emocional diante do cenário de medo, insegurança e incerteza, além de manter o vínculo e os laços afetivos com a Comunidade Educativa”.

A nova realidade demandou à direção e ao corpo docente do Colégio inúmeras reuniões, sempre à distância, muitos momentos de reflexão, acompanhamento diário das orientações emanadas dos diversos organismos ligados à área da saúde, da educação, o acompanhamento de todos os processos e seus devidos encaminhamentos. Sem a perspectiva do retorno às aulas presenciais tão cedo, foi necessário buscar alternativas para o atendimento, da melhor forma possível, aos estudantes e suas famílias.

“Foi preciso reinventar o CSVP. Pode-se mesmo falar de uma nova fundação. Um Colégio que era totalmente presencial, que sempre valorizou muito o relacionamento pessoal e os contatos diretos, de uma hora para outra, precisou se reorganizar e qualificar os seus diversos membros e segmentos, para o funcionamento à distância” partilha Pe. Agnaldo. Ele explicou ainda que foram realizadas muitas reuniões para orientação da equipe pedagógica, com vistas a tratar temores, passos vacilantes de alunos e exageros de outros.

Para dar continuidade à prestação do serviço de formação e educação, o colégio precisou estabelecer novas parcerias, utilizar ferramentas de tecnologia da informação e digital, pensar em orientar e ajudar na formação de todos os membros de sua Comunidade Educativa para o cuidado com a vida e a saúde. Inclusive, precisou rever suas planilhas orçamentárias, para socorrer a todas as famílias.

Segundo Pe. Agnaldo o CSVP é um Colégio que sempre valorizou muito as relações e o contato pessoal: “para nós, com certeza, a maior perda aconteceu na socialização. O ser humano é um ser social, um ser que nasce, cresce, amadurece e se constitui nas relações que estabelece. Acredito que, dentre os diversos espaços e ocasiões oferecidos para crescimento e amadurecimento dos jovens, a escola desempenhe um papel fundamental”.

Pe. Agnaldo conta que com a suspensão das atividades presenciais, o trabalho remoto tornou-se uma necessidade. “Para os educadores com algum tipo de experiência no uso destas novas ferramentas a transposição foi bem mais tranquila, já para outros, os desafios foram maiores”. Agnaldo acrescentou que para um Co-

légio que tem como uma de suas políticas institucionais “Colocar-se como ‘comunidade aprendiz’, em que os erros e os acertos tornem-se oportunidades impulsionadoras da aprendizagem” (PPP, p. 48), os desafios são assumidos de forma tranquila e serena, sem a pressão pelo acerto a todo custo, o que evita o desgaste e a ocorrência de doenças psicoemocionais.

Os quatro pilares da educação, definidos pela UNESCO, “aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver” são colocados por Pe. Agnaldo como metas e exigências reavivadas pelo cenário de exceção: “também ensina a todos e, em especial, ao missionário vicentino, que é preciso não se acomodar às estruturas, mas estar sempre pronto para transformá-las e inovar, tendo sempre como objetivo maior aperfeiçoar o trabalho realizado para atender às demandas. Como dizia São Vicente, o amor é inventivo ao infinito”.

Quando questionado a respeito de como o santo fundador da Congregação da Missão reagiria a este cenário de crise, baseado no conhecimento da história de sua vida, Pe. Agnaldo lembrou que São Vicente de Paulo era muito zeloso com a vida e a saúde dos seus coirmãos, de Santa Luísa de Marillac, das Filhas da Caridade e dos demais colaboradores e colaboradoras. “Acredito que ele insistiria com todos para que, sendo cuidadosos e obedientes às recomendações das autoridades da área da saúde, não abandonassem os pobres e fôssemos criativos ao infinito no socorro aos que têm passado por maiores provações e privações”.

Pe. Agnaldo destacou que uma característica importante da ação vicentina está no contato direto com os pobres e as comunidades empobrecidas: “O importante não são grandes e dispendiosos projetos, mas projetos simples, baratos e fáceis de serem multiplicados, com as adaptações necessárias a cada realidade”. E alegrou-se ao declarar que neste momento, as notícias que recebeu dos diversos Ramos da Família Vicentina, são de muitas ações e projetos emergenciais, especialmente nas áreas da garantia de alimentação e dos cuidados relativos à prevenção do novo coronavírus.

Além dos Projetos de conscientização, informação e formação para prevenção da Covid-19 e de mensagens de apoio afetivo-espiritual através das redes sociais, o CSVP vem estimulando o uso do Muro da Gentileza como local para as doações. Além disso, Pe. Agnaldo informa que a obra da Província também estuda a viabilidade de realizar um projeto-ponte, para ligar as pessoas que desejam fazer doações e as instituições de assistência social com as quais o Colégio já mantinha parceria, além de estabelecer contatos para novas conexões de solidariedade. “As principais doações neste momento são de alimentos, materiais de limpeza, higiene e equipamentos de proteção individual, especialmente máscaras”, explica Pe. Agnaldo.

Teologado: vídeos motivacionais e arrecadação de donativos

Devido ao cumprimento das orientações das autoridades governamentais do Estado e da Igreja, desde março de 2020 foi solicitado isolamento social devido à pandemia causada pelo novo coronavírus. Por tal motivo, as paróquias onde a PBCM realiza atividades pastorais em Belo Horizonte - Pai Misericordioso e Nossa Senhora de Fátima - tiveram as programações suspensas até a segunda ordem. Nesse contexto, estudantes e formadores do Seminário São Justino de Jacobis idealizaram o “Compartilhando Esperança”, projeto que consiste em anunciar Jesus Cristo e sua mensagem de esperança através das redes sociais, bem como, fazer-se presente junto aos mais necessitados, com doações de alimentos e materiais de higiene pessoal.

O projeto é realizado pelos padres e seminaristas em parceria com a comunidade do Bairro Paulo VI e paroquianos. De acordo com o seminarista Cléber Teodósio, os vídeos são postados nas redes sociais com uma periodicidade semanal: “os vídeos motivam novas doações e levam mensagens de esperança e fé ao povo. Às sextas-feiras, depois de contatar os líderes pastorais, as doações são entregues aos mais necessitados” explica Cléber.

Gravar e divulgar vídeos motivacionais com mensagens de esperança, partilhar experiências de orações, fé e vida, motivar as comunidades onde é desenvolvido trabalho pastoral, continuar o trabalho de evangelização e missão atendendo os necessitados com cestas básicas, roupas e itens de higiene são os principais objetivos do projeto “Compartilhando Esperança”.

O preparo dos subsídios se dá da seguinte maneira: um grupo composto por estudantes e formadores do Teologado promove encontros para a criação de conteúdos. Nestas reuniões são realizadas leituras, pesquisas de materiais, celebrações, filmagem, edição de vídeo e a divulgação do material produzido nas redes sociais (pessoal de cada participante, da comunidade formativa e das paróquias implicadas). Com este projeto a Comunidade do Teologado estimou alcançar 80% dos 96 membros dos conselhos pastorais e comunitários das comunidades de fé onde realizam atividades pastorais.

A Paróquia Pai Misericordioso está localizada à Rua Cana Caiana, 48 Paulo VI, Belo Horizonte-MG e se compõe por onze comunidades organizadas em três setores: I) São José Operário, São Judas Tadeu, Santa Luzia, N. Sra. Rosário, São Vicente de Paulo e Mãe Rainha; II) N. Sra. Aparecida, N. Sra. das Graças e Santo Antônio, e III) N. Sra. Rosa Mística, e N. Sra. Assunção. A Paróquia Nossa Senhora de Fátima se localiza à rua Pe. Bartolomeu de Gusmão, 278, Jardim Industrial, Contagem-MG e está formada por cinco comunidades, a saber: N. Sra. Aparecida, Santa Terezinha, São Vicente de Paulo, São Judas Tadeu e N. Sra. de Fátima.

Segundo informações concedidas pelo Sem Cléber as lideranças de ambas as paróquias (Pai Misericordioso e N. Sra. de Fátima) cumpriram as orientações de isolamento social. Cada um dos conselheiros das diferentes comunidades atuaram a partir de suas residências. Ele alegrou-se ao concluir que foi possível acompanhar o processo a partir da sua casa de formação, por meio do projeto que ajudou a conceber.



Santuário do Caraça: suspensão temporária das atividades

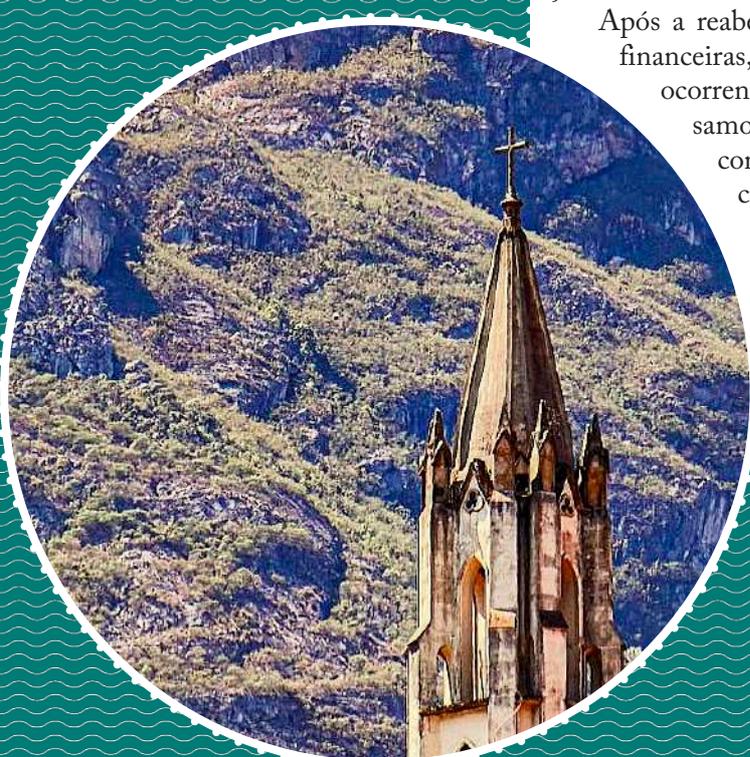
O Complexo Santuário do Caraça, primeira casa dos missionários lazaristas no Brasil, faz parte do Conselho Municipal de Turismo, Associação dos Empresários de Catas Altas e do Comitê de Crise da cidade, este último, fundado para refletir e encontrar caminhos para a superação da crise causada pela Covid-19. Como membros desses grupos, os coirmãos colocados no Caraça têm se esforçado para colaborar na tomada de decisões e mobilizar a cidade para lidar com a pandemia.

De acordo com o Pe. Luís Carlos do Vale Fundão, CM, a opção do município pelo lockdown tem dificultado bastante o avanço do processo de flexibilização: “Sabemos que quando não há interesse público numa causa, tudo fica mais difícil. Temos a sensação de estar dando murros em ponta de faca. Em todo caso, temos pressionado a administração pública a pelo menos tomar medidas que estejam de acordo com o Plano Minas Consciente (www.mg.gov.br/minasconsciente) a fim de planejarmos a nossa vida administrativa. Afinal de contas, trabalhar no escuro não colabora para uma boa gestão”.

Seguindo as determinações do Decreto Nº 51/2020, da Prefeitura Municipal de Catas Altas-MG sobre a Covid-19, e tendo em vista a preservação da saúde dos coirmãos residentes, dos hóspedes e visitantes, o Santuário do Caraça teve as suas atividades relacionadas à visitação, hospedagem e celebrações suspensas de março a julho.

A primeira medida administrativa tomada no Santuário foi a remarcação das hospedagens, eventos religiosos e corporativos e agendamento de grupos de visitação para outras datas do segundo semestre de 2020. “No que diz respeito aos recursos humanos, foi feita uma redução salarial na folha de pagamento em 25%, além da redução da jornada de trabalho dos colaboradores e alguns desligamentos”. Pe. Luís explica que para manter a estrutura funcionando minimamente, o Caraça está operando neste momento, com um quadro de 10 a 15 colaboradores por dia. Essa medida reduziu o custo referente à horas extras e despesas de transportes. Além disso, essa medida os mantém em casa para a proteção da saúde.

Após a reabertura, está havendo um esforço para administrar as sequelas financeiras, já que, o retorno da frequência de turistas ao Santuário está ocorrendo de maneira gradual: “Enquanto estivemos fechados, revimos o nosso Planejamento Estratégico e elaboramos ações que contemplam o período do pós-isolamento social, afinal, os obstáculos não existem para que nos detenhamos neles, mas para serem transpostos”.



Luz do Senhor: missas e momentos de espiritualidade on-line

A necessidade do isolamento social, desde o dia 18 março, em Campina Verde, impossibilitou a celebração da Eucaristia com a presença de fiéis. As orientações das autoridades foram acatadas, porém não foi possível evitar a insegurança e a incerteza: “Confesso que ficamos perdidos. Não sabíamos o que fazer. Nossos dias aqui são bem corridos. Temos, no mínimo, duas missas ao dia! E são muitas as solicitações de bênçãos nas casas, União dos Enfermos, Confissões, orientação espiritual. Parar de forma brusca, trouxe um sentimento muito amargo” desabafou o Pe. Hugo Barcelos, CM.

Pe. Hugo, colocado na paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, de Campina Verde, conta que no dia 19 de março começou a celebrar missas via Facebook. “às 15h Rezava o Terço da Misericórdia e a missa em seguida. E, durante a noite, por volta das 21h, fazia uma outra *live*. Eu mantive este ritmo até a Semana Santa, quando a Paróquia conseguiu se organizar para transmitir missas via rádio e Facebook. Hoje celebramos de segunda a sexta-feira pela rádio, às 18h, e aos domingos, às 8h e às 19h, via Facebook”.

Nesse período de pandemia, Pe. Hugo foi se dando conta de que muitas pessoas apresentavam uma grande dificuldade: rezar. A grande maioria acostumou-se a participar das missas e atividades propostas pela paróquia. E, nestes tempos de isolamento social, continuavam a assistir as *lives* de Missas e de espiritualidade.

Os tempos de pandemia trouxeram ao Pe. Hugo reflexões a respeito da ação pastoral desenvolvida: “Talvez a gente tenha pagado um preço alto por não termos sido fiéis às Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil. Muitas pessoas e famílias não conseguem rezar, verdadeiramente. Além disso, a Bíblia é muito pouco popular, em nosso meio. Foi então que comecei a pensar um meio, dentro das condições possíveis deste tempo, de ajudar as pessoas a conseguirem rezar com a Palavra de Deus em suas casas, de maneira individual, ou em família. Foi então que surgiu o programa “Luz do Senhor”.

Pe. Hugo observou que, nas redes sociais, não faltam pessoas que gravam vídeos e áudios com as leituras da liturgia diária, que fazem comentários de exegese e estudos sobre a Palavra de Deus. A partir dessa percepção decidiu fazer seu próprio programa: “Luz do Senhor é uma série de vídeos curtos, de no máximo 3 minutos, com uma reflexão prática, que ilumine as pessoas a viverem o Evangelho do Dia. Vídeos curtos têm muitas vantagens. Nem todos têm internet em casa, muitos usam os dados móveis, e o vídeo curto não consome uma cota alta da franquia. Também, é mais fácil de prender a atenção até o fim e transmitir a mensagem”, explica.

Os programas têm trazido a citação do Evangelho do dia, visando oferecer uma forma objetiva e prática de fazer com que a pessoa pegue sua Bíblia e leia, reze, medite o Evangelho.

“Tem sido uma aventura gravar esses vídeos. No começo era mais difícil editá-lo. Chegava a gastar 2 horas. Hoje, faço tudo em uns 30 minutos. Alguns coirmãos e pessoas que o recebem fizeram algumas ponderações importantes para o aprimoramento.”

Pe. Hugo explica que costuma preparar o trabalho a ser publicado no dia anterior à postagem: “Eu uso do tempo da oração pessoal para fazer a leitura orante do evangelho. Depois, componho um texto, ainda na capela. O segundo momento é gravar e editar. Em seguida, posto no YouTube e, no outro dia, divulgo no WhatsApp, por meio de uma linha de transmissão e publico na página que tenho no Facebook. A média de acesso tem sido de 200 visualizações”.

Para além deste trabalho, a Sociedade São Vicente de Paulo, juntamente com as Filhas da Caridade têm feito um exímio trabalho de assistência às famílias já assistidas e outras, que agora estão necessitando do básico para a subsistência. “Ao contrário do que se pensa, Campina Verde tem empobrecido muito. Muitos aqui viviam de diárias, como domésticas e homens que vivem de serviços braçais em fazendas ou na construção civil”. ■



Seminarista Allan Ferreira

O germe latente da intolerância

O mito da democracia racial brasileira

“Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio.”
Martin Luther King Jr.

Constantemente vemos na imprensa internacional e nas falas dos turistas que visitam o Brasil, que a maior qualidade do nosso país é a hospitalidade e o jeito simpático e acolhedor do brasileiro. É verdade que a maioria do nosso povo tem o perfil hospitaleiro e amistoso para com aqueles que chegam para uma visita. Se observamos os mineiros, logo constatamos isso, quando, por vezes, nos oferecem aquele delicioso cafezinho e um dedo de prosa. Mas uma parcela significativa da população tem em seu íntimo o germe do ódio que espera apenas uma brecha para se manifestar, e parece que essa semente começou a desenvolver e a produzir frutos.

A intolerância e o discurso de ódio no Brasil não são realidades que surgiram apenas nos últimos anos com o crescimento da disputa e polarização política entre direita e esquerda. A intolerância já vem de longa data, desde a escravidão, um período sombrio da nossa história, e da ditadura militar, quando os direitos foram cerceados e a vida ameaçada. Em nossos dias, a realidade é assustadora. Não passamos um dia sem ter alguma notícia de morte por algum tipo de ódio, seja homofobia, feminicídio, transfobia, racismo, intolerância religiosa etc. Nos portais de notícias, em seus espaços para comentários dos leitores e assinantes, temos uma visão aterradora do grande problema que enfrentamos hoje: a intolerância ao diferente e o ódio aos mais fracos.

Mas o problema da intolerância não acontece somente no Brasil. O germe do ódio se faz presente em todos os cantos do mundo deixando um rastro de violência e desumanidade. É a partir desse caos interior que surgem atos violentos como o que presenciamos, recentemente, nos Estados Unidos aonde, um homem negro, George Floyd, é brutalmente assassinado por um policial. Esse fato dá novo vigor à luta

da comunidade negra contra o extermínio de negros que são as maiores vítimas da intolerância, da violência e da desigualdade.

Enquanto isso, no Brasil, um protesto fascista choca a todos aqueles que acreditam na democracia, na liberdade e nos direitos humanos. As pessoas marchavam e destilavam todo o seu ódio, travestido de patriotismo, e apoiavam, dentre outras bandeiras, a ditadura militar e a supremacia branca. Tudo isso com o aval do presidente da república.

Não é de se assustar que manifestações como essa, que traz à tona, mesmo que nas entrelinhas, a figura do Hitler como herói, estejam acontecendo novamente, em pleno século da diversidade. Tanto no Brasil quanto no mundo, a máscara da tolerância está começando a cair e agora vemos, extasiados, que os mesmos que acolhem com um sorriso no rosto, são capazes de excluir, marginalizar e matar o outro apenas para se sentirem superiores.

Diante de tantos desafios e de uma possível vitória da ignorância e do ódio, o que podemos fazer? Um caminho possível para a superação desse problema tão grande e tão desafiador é a educação. Sem uma educação de base que leve em conta o amor ao diferente, um processo educacional humanizante e a conscientização dos pais para a necessidade da paz ao invés do ódio, dificilmente a realidade se tornará diferente.

Portanto, devemos apoiar aqueles que continuam lutando por um mundo melhor e unirmos forças para vencermos o ódio com o amor, a indiferença com a solidariedade, a divisão com a união. Alguns passos já foram dados, como as políticas públicas e sociais de inclusão, os esforços de algumas religiões para manter um diálogo inter-religioso e ecumênico e de organizações não governamentais, que lutam a cada dia para espalhar a mensagem da tolerância. Somente assim, aquela semente do ódio que habita nos corações de muitos, não conseguirá abafar o sentimento de humanidade que grita dentro de nós. ■

A intolerância e o discurso de ódio no Brasil não são realidades que surgiram apenas nos últimos anos com o crescimento da disputa e polarização política entre direita e esquerda.

Renato Lima*

A saga do Conde de Aljezur

Os aspectos históricos da fundação da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil

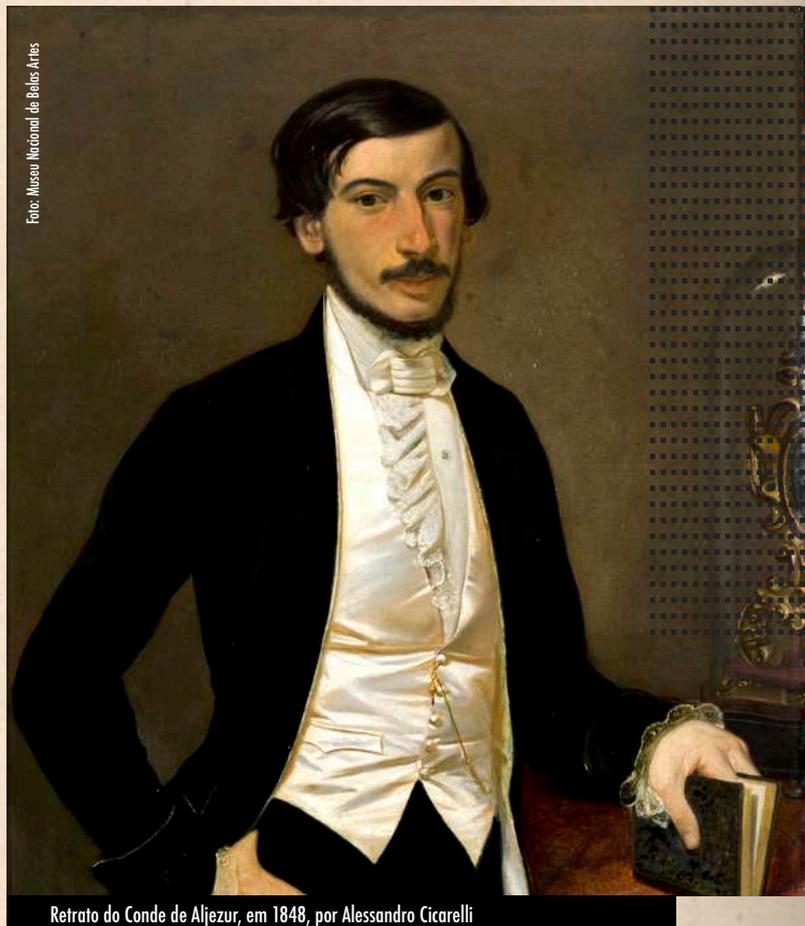
Na caminhada dos confrades e das consócias da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP), jamais podemos nos esquecer do legado deixado pelos fundadores que, em abril de 1833, em Paris, na França, criaram a Sociedade. Ozanam, Bailly de Surcy, Clavé, Devaux, Le Taillandier, Lallier e Lamache receberam a inspiração divina de estabelecer essa obra de caridade maravilhosa, que vem produzindo incontáveis frutos de caridade, de conversão e de evangelização pelo mundo, até os dias atuais.

Da mesma maneira, nos diversos países, devemos sempre fazer um resgate histórico, buscando identificar os primórdios da SSVP. No caso do Brasil e de Portugal, uma figura humana se sobressai: Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, mais conhecido como Conde de Aljezur. Vamos conhecer um pouco da história desse importante confrade vicentino, responsável pela fundação da Sociedade no Brasil e em Portugal. Um homem escolhido por Deus para espalhar o carisma vicentino em terras lusitanas e brasileiras.

Francisco Coutinho nasceu em 12 de setembro de 1820, no Rio de Janeiro. Àquela altura, o país ainda não era uma nação independente (o que só aconteceria a partir de 7 de setembro de 1822), e, portanto, Francisco Coutinho era cidadão português, nascido na colônia. No dia 3 de junho de 1845, em Portugal, com 25 anos de idade, ele se casou com Maria Rita de Noronha (ela nascera na cidade de Tavira, em Portugal, em 21 de janeiro de 1826). O casal não teve filhos.

Em 15 de setembro de 1858, por meio de decreto, o rei de Portugal, Dom Pedro V, concedeu o título de Viscondessa de Aljezur à senhora Maria Rita, e na mesma data, estendeu o título a Francisco Coutinho, que adotou a designação de Visconde de Aljezur. No Brasil, o imperador Dom Pedro II confirmou o título de visconde a Coutinho, por meio de portaria publicada em 23 de dezembro de 1858. Mais tarde, em 10 de abril de 1878, Francisco Coutinho teve o título de visconde elevado à categoria de conde, em ambos os países. Como se percebe, ele detinha os mesmos títulos de nobreza, tanto em Portugal como no Brasil.

Na concessão de títulos, os reis e imperadores escolhem nomes aleatórios, geralmente vilas, cidades ou acidentes geográficos (como lagos, rios, montanhas, vales e serras). Assim, a palavra “Aljezur” em Portugal tem duas origens: é uma pequena vila, na região do Al-



Retrato do Conde de Aljezur, em 1848, por Alessandro Cicarelli

garve, atualmente com 6.000 habitantes; e é também nome de um rio que nasce na Serra de Monchique e deságua no Oceano Atlântico, na bela Praia da Amoreira. Dom Pedro V escolheu “Viscondessa de Aljezur” (para Dona Maria) e “Visconde de Aljezur” (para Francisco Coutinho) por mera liberalidade, sem nenhuma razão específica. “Aljezur” é uma palavra de origem árabe e significa “ilhas” (al jazair). “Al jazira” é o singular (“a ilha”). Em espanhol, “aljezur” pode ser traduzido como “algeciras”. Do mesmo radical, surgiu a palavra Argélia.

Francisco Coutinho era funcionário da Coroa e servia ao Império do Brasil, desempenhando inúmeras funções, encargos e missões. Ele comandou, por exemplo, o 7º Corpo de Cavalaria da então Província do Rio de Janeiro, sediada na Vila de Iguazu, região que hoje conhecemos como município de Nova Iguaçu. Ele também foi fidalgo de Dona Maria Leopoldina (Imperatriz do Brasil, a primeira esposa de Dom Pedro I),

responsável contábil de Dona Amélia Augusta Eugênia Napoleona de Beauharnais (Imperatriz do Brasil, a segunda esposa de Dom Pedro I), e assessor direto do imperador Pedro II, chegando a acompanhá-lo até no exílio em Portugal, após a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Coutinho foi companheiro inseparável de Dom Pedro II, sendo-lhe leal até a morte do monarca, em 1891. Depois, regressou ao Brasil e foi viver em Petrópolis, onde já havia se estabelecido durante o reinado de sua majestade imperial, Dom Pedro II.

No aspecto vicentino, Francisco Coutinho foi um dos fundadores (e 1º Vice-presidente) da Conferência “São Luís Rei de França”, da Igreja de São Luís dos Franceses, em Lisboa, fundada em 31 de outubro de 1859, juntamente com o padre Joaquim José Sena de Freitas (Congregação da Missão), padre Emílio Eugênio Miel (também da Congregação da Missão), o Conde de Samodães e outros. Ele também colaborou com o confrade francês M. Thiberge na fundação da Conferência “São Pedro”, a segunda em terras portuguesas, no Funchal (Madeira), em 1875. Francisco foi

Pe. Miguel Maria Sípolis, primeiro reitor do Seminário São José, no Rio de Janeiro (1869)



Foto: Arquivo da PBCM

vice-presidente do Conselho Superior de Portugal, tendo ação de grande relevância.

No Brasil, juntamente com outros confrades (o advogado Pedro Fortes Marcondes Jobim, 1º Secretário, e o médico Antônio Secioso Moreira de Sá, 1º Tesoureiro), fundou, em 4 de agosto de 1872, a Conferência “São José”, sendo o Visconde de Aljezur eleito o primeiro presidente de uma Conferência Vicentina em terras brasileiras. Vale ressaltar que, no momento da fundação da Conferência “São José”, o confrade Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho detinha o título de “visconde” (pois o grau de conde só lhe fora concedido em 1878, como já mencionado).

A ideia da fundação da SSVP no Brasil teve origem em 19 de julho de 1872, quando alguns leigos foram convidados pelos padres Lazaristas para jantar no Seminário Diocesano de São José, no Rio de Janeiro, após a missa pelo nascimento de São Vicente de Paulo. Naquele jantar, encontravam-se os três confrades citados anteriormente. O então Visconde de Aljezur explicou sobre as obras que a SSVP estava empreendendo na Europa e pelo mundo a favor dos pobres, e acrescentou que estava realmente surpreso em saber que não existia, ainda, uma Conferência vicentina instalada no Brasil. E assim, no dia 4 de agosto, a primeira Conferência fora fundada.

Após a morte de Dona Maria Rita, Francisco Coutinho contraiu novas núpcias, desta vez com Ana Carolina de Saldanha da Gama, nascida em 1º de agosto de 1834, no Rio de Janeiro. O casal não deixou descendente. Francisco Coutinho possuía, também, inúmeras comendas, como a Ordem Sueca da Estrela Polar, Ordem de Cristo (no Brasil) e Ordem de São Gregório (na Itália). Uma curiosidade: em 12 de agosto de 1903, foi inaugurada a Estação Aljezur, em Nova Iguaçu (RJ), integrante da Linha Auxiliar da Estrada de Ferro Central do Brasil, em homenagem ao conde que possuía terras naquela localidade. Lamentavelmente, a Estação Aljezur encontra-se, desde 1996, abandonada, ocasião em que a referida linha férrea foi desativada.

O Conde de Aljezur, homem brilhante de dois continentes (América e Europa) e de duas nações irmãs (Brasil e Portugal), faleceu em 2 de abril de 1909, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, aos 99 anos de vida. Empregou toda a sua existência no exercício da caridade cristã. Peçamos a Deus pela alma deste memorável confrade, que fundou a SSVP em Portugal e no Brasil. Só podemos projetar o futuro se conhecermos o passado e se soubermos valorizar os nossos antepassados, verdadeiros desbravadores da história, que abriram as portas para a existência da Sociedade de São Vicente de Paulo pelo mundo. Que a memória, vida e biografia do confrade Francisco Coutinho seja amplamente difundida no seio da SSVP e da Família Vicentina! ■

* Confrade Renato Lima de Oliveira, 16º Presidente Geral da SSVP.



Foto: Danylo Ramos

Padre Gentil Soares, CM e Irmã Nelci Machry entregam cesta de alimentos em Serra do Ramalho-BA

Pe. Emanuel Bedê Bertunes, CM

A função social dos bens da PBCM

Uma ação concreta em favor dos Pobres

Há pouco mais de um ano, após a Assembleia Geral Ordinária da PBCM, em abril de 2019, solicitei ao nosso decano, Pe. Getúlio Grossi, um pequeno texto contendo pensamentos e máximas de São Vicente de Paulo sobre o patrimônio da Congregação, isto é, sua finalidade, sua utilização, sua administração... O objetivo era propor à Direção da PBCM, naquele momento, em forma de projeto, a criação de um fundo para atender os Pobres em situações emergenciais. Pessoa alguma imaginava que, um ano depois, o mundo e, de modo especial o Brasil, seria acometido pela voraz pandemia da COVID-19.

Para uma melhor didática, dividiremos este breve artigo em duas partes. Na primeira, falaremos um pouco do Fundo Emergencial de Ajuda aos Pobres e na segunda, abordaremos o alcance social de algumas obras da PBCM, no contexto da crise sanitária e seus desdobramentos devastadores no cenário econômico.

Fundo Emergencial

Tendo como inspiração o que reza o documento maior que rege a vida da Congregação, as Constituições, que assim dizem: *“A Congregação da Missão possui bens*

temporais. Usa-os como meios para o serviço de Deus e dos Pobres, segundo o espírito e o modo de agir de seu fundador. Administra-os como patrimônio dos Pobres, com solicitude, mas sem preocupação de acumular” (CC, 148, §1), e ao perceber que o cenário causado pela pandemia do novo coronavírus tornava-se cada dia mais tenebroso e prevendo que a realidade poderia tornar-se ainda mais penosa para os mais pobres, a PBCM tomou a resolução de, no dia 25 de março de 2020, criar o Fundo Emergencial de Ajuda aos Pobres para socorrer e atender aos casos que chegassem a ela, através de suas Obras e Casas. A princípio, o fundo foi constituído por um significativo valor inicial e sua destinação é muito concreta e clara, ou seja, é para atender três necessidades básicas e urgentes apresentadas pelo atual contexto: alimentação (bolsas e cestas de alimentos), medicamentos (saúde) e prevenção (higiene, limpeza e equipamentos de proteção individual).

Sabe-se que esse valor inicial não significa muito diante das numerosas situações de extrema carência escancaradas em nossas cidades e comunidades, no entanto, consola-nos saber que esta ajuda emergencial chegará, de fato e com certeza, aos mais pobres e vulneráveis, sem sofrer qualquer tipo de burocracia ou intervenções

duvidosas que venham a privar as pessoas dessa pequena ajuda em hora tão difícil. Desta forma, mediante as ações dos Coirmãos, comunidades, parceiros, colaboradores e amigos, esse pecúlio tem chegado a centenas de pessoas e famílias, em localidades carentes e pouco ou nada assistidas pelo poder público, tais como: Serra do Ramalho, no Vale do São Francisco (Bahia), Francisco Badaró, Jenipapo de Minas, na região do Vale do Jequitinhonha, periferias de Belo Horizonte, Campina Verde, São Joaquim de Bicas e Catas Altas (Minas Gerais); Itapuã do Oeste (Rondônia); Tefé (Amazonas); e nas comunidades cariocas de Campo Grande, Morro da Providência e Ilha Grande (Rio de Janeiro). Às famílias dessas localidades já foram doadas mais de mil cestas de alimentos e mais de dois mil quites de proteção, prevenção e higiene.

Certamente, pelo zelo, esmero, cuidado, esforço e empenho das muitas e generosas almas que nos ajudam neste projeto, chegarão aos mais pobres muito mais do que recursos financeiros. Por trás destas cifras há algo bem mais valioso e que nos humaniza e transforma realidades tão sofredoras: a santa generosidade! É a santa que mais salva vidas em tempos de demasiada indiferença e descaso pela vida!

O lado social das obras da PBCM

Nesta segunda parte de nossa reflexão, teremos como iluminação os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja, personificada no pensamento de São Leão Magno, que nos diz assim: *“Nenhuma devoção dos fiéis agrada tanto a Deus como a dedicação para com seus pobres, pois nesta solicitude misericordiosa ele reconhece a imagem de sua própria bondade. Não temos que essas despesas diminuam os nossos recursos, porque a benevolência é uma grande riqueza e não podem faltar meios para a generosidade, onde Cristo alimenta e é alimentado. Em tudo intervém aquela mão divina que ao partir o pão o faz crescer, e ao reparti-lo, multiplicá-lo”* (PL 54, 299-301: 4ª semana da quaresma, 3ª feira, Ofício das Leituras, Liturgia das Horas, II). Não podemos temer a força profética dessas palavras em dias como os de hoje e em tempos como os que ainda nos esperam. É necessário ter sempre vivas em nossas práticas essas impactantes máximas para não nos iludirmos com os engodos de discursos políticos oportunistas, de natureza populista que aparecem em momentos onde o bom senso é sempre deixado guardado em casa, quando se tem, é claro!

Se por um lado o Fundo Emergencial de Auxílio aos Pobres pode revelar a face assistencial da ação da PBCM, por outro, algumas de suas Obras revelam o alcance de sua ação como testemunho de justiça social e seu comprometimento em construir e dilatar relações sociais com fundamento na justiça, refletindo em seu rosto o que acabamos de ouvir de São Leão Magno. Ou seja, mesmo diante do estado de calamidade que se encontra o Brasil, a PBCM vem conseguindo manter resguardados seus 327 postos de trabalho gerados por suas

Obras. Para se ter ideia, no final abril, de acordo com o Sebrae em notícias veiculadas pela grande imprensa, pelo menos 600 mil micro e pequenas empresas fecharam as portas e mais de 9 milhões de funcionários foram demitidos em razão dos efeitos econômicos da pandemia do novo coronavírus. Enquanto isso, Obras como o Colégio São Vicente de Paulo vêm heroicamente preservando seus 204 colaboradores. Se pensarmos que por trás de cada colaborador, professores e auxiliares da administração escolar, há uma pequena família, damos conta do alcance social dessa Obra nesse momento grave e desafiador. E mais, conseguimos ainda beneficiar outras 1.000 famílias concedendo a elas 20% de desconto sobre o valor da mensalidade escolar para os meses de abril, maio e junho. Certamente far-se-á muito mais nos próximos meses que nos aguardam. Isso significa, na prática, abdicar de 20% de suas receitas, ou seja, são ações que surtem efeito imediato na vida das pessoas. Esse valor não reverterá em filantropia (Lei 12.101), ou seja, é ajuda efetiva às pessoas e suas famílias.

Outra Obra que merece destaque é o Santuário do Caraça, que vem padecendo profundamente com a crise. Fechado desde meados de março, por força dos decretos estadual e municipal, viu suas receitas lastimavelmente minguaem e até se extinguirem, literalmente. Nem um mísero centavo foi depositado em sua conta nos meses de abril e de maio. No entanto, mesmo amargando prejuízos homéricos, falando por uma ótica meramente economicista, com a ajuda da Sede Provincial, vem conseguindo assegurar os 64 postos de trabalho. Isto é, num enfoque de ângulo social, não falamos em prejuízos e sim em função social que o Caraça exerce neste momento de extrema insegurança financeira para as 64 famílias.

A PBCM não tomou estas atitudes por ter patrimônio inesgotável e infinito. Fazemos isso, primeiramente, por convicção de fé e depois pelo imperativo carismático que nos legou São Vicente de Paulo, nosso fundador e inspirador, que sempre nos lembrava com palavras paradigmáticas, como as que encontramos numa de suas cartas ao Pe. Gabriel de Lespinay, superior da Casa de Toul: *“É necessário que nesta calamitosa (“miserável”!) estação, façamos empréstimos para nos alimentar e poder aliviar os pobres”* (IV, 16, c. 1214). Essas palavras continuam a ressoar em nossos ouvidos e corações e não abandonaremos os Pobres, prediletos do Senhor. Tenhamos como horizonte condutor de nosso trabalho e ações o que nos ensina São Gregório de Nazianzo: *“Não nos preocupemos em acumular e conservar riquezas enquanto outros padecem necessidades.”* (Sermões: 2ª feira da 1ª semana da Quaresma, 2ª Leitura), e como ditame condutor de nossas Obras, tenhamos em mente aquilo que insiste nosso fundador, quando lembrou ao Pe. Chirroye, Coirmão superior da casa de Luçon, na França: *“Em nome de Deus, senhor Padre, tenhamos mais empenho em dilatar o império de Jesus Cristo do que nossas posses. Façamos seus negócios e ele fará os nossos. Honremos sua Pobreza, ao menos com nossa moderação, se não por total imitação”* (III, 531, c. 1172). Assim seja!! ■

Pe. Denílson Matias, CM

A cultura vocacional

Deus chama na história, Deus chama no hoje

Vivemos tempos difíceis. Não bastasse a rapidez das transformações pelas quais o mundo tem passado, chegamos a um momento de pandemia que, certamente, depois dos eventos do 11 de setembro de 2001, com o atentado ao World Trade Center e ao Pentágono, nos Estados Unidos, marcará um novo recomeço na história da humanidade recente. Este recomeço exige de nós, consagrados e consagradas, uma repaginação das nossas relações humanas. Estar do lado de cá do muro que protege a Vida Religiosa e as Sociedades de Vida Apostólica, abre-nos um espaço para repensarmos a nossa relação com as pessoas mais sofridas da atualidade. Elas são o lugar teológico do chamado, “tive fome e me deste de comer” (Cf. Mt 25, 31-46).

Torna-se problemático quando a nossa zona de conforto se transforma em um lugar de apego. Os votos professados ou emitidos como meios de obtenção de estabilidade e de segurança institucional se tornam o desprezível lugar que faz da Igreja uma Igreja muda. Esta zona de conforto, enquanto lugar de auto-concessões gratificadoras e de sentimento de proteção desmedida, é o lugar que dá vazão às profecias desencarnadas, fundamentadas em subjetivismos ultra espiritualistas. Muito do que temos visto hoje. Pensar que estamos no limiar de uma mudança de época nos faz refletir a respeito dos perfis das novas gerações vocacionadas à Vida Consagrada. Ao mesmo tempo, mudar o modo de apresentar o carisma, a identidade e a missão dos grupos de consagrados e consagradas, mais que um desafio metodológico começa a ser um convite à revisão de vida, para os Institutos. Afinal, que imagem passamos e que tipo de pessoas esperamos? O chamado de Deus se dá na história, nas suas dores e nos seus conflitos. Se a história não nos afeta, se a insensibilidade nos ganha, que tipo de vocações esperar?

Há pouco tempo a palavra de ordem, no contexto da animação vocacional, era a “cultura vocacional”. O termo cultura vocacional viralizou ao ponto de tornar-se material de estudo e de atualização na área da Pasto-

ral Vocacional. Vocacionalizar, como verbo oriundo da cultura vocacional, transformou-se em carro chefe, nos mais diversos Serviços de Animação Vocacional (SAVs). Aqui entramos na matéria propriamente dita: a Pastoral Vocacional não pode existir de modo independente, para além de uma cultura específica. **A Pastoral Vocacional acontece no tempo e no espaço, bem definidos. Não se pode falar de cultura vocacional se esta não está em relação extrema e constante com as culturas onde é gerida e se não se deixa afetar por elas.**

A cultura vocacional não é um apêndice ou uma extensão da Igreja, no plano do serviço da animação vocacional. A cultura vocacional é um dos eixos que perpassam toda a vida da Igreja, além de estar profundamente enraizada numa cultura mater. Isto é, sua raiz brota daquilo que inclui o modo de crer de um povo, as suas expressões artísticas, a sua capacidade de fruição estética, o seu sentir como sociedade, o seu conhecimento, a sua moral, as suas leis, os seus costumes, os seus hábitos; enfim, a cultura vocacional brota daquilo que define o ser humano como membro de uma comunidade ou de uma sociedade em particular. E é aí que a Igreja está; não como uma entidade flutuante. Está presente e inserida, com um rosto definido, marcado pelas características locais.

Destarte, não se faz pastoral vocacional sem considerar a cultura dos chamados. Logo, não existe cultura vocacional se esta não parte de uma realidade geográfica, temporal e cultural específica. A questão vocacional não é a-histórica. Assim, podemos afirmar que a cultura vocacional é dinâmica, dado que a história é dinamicamente aberta. A linguagem que dá voz à cultura vocacional não está fechada ou concluída, ela se adapta aos tempos e deve ser sempre atual. Os versículos vocacionais serão sempre os mesmos, porém, as mensagens advindas deles serão sempre direcionadas a um grupo novo, deverão ser constantemente novas.

Aterrissemos a nossa reflexão no ponto nevrálgico das transformações culturais que temos visto acontecer



nos últimos tempos. O mundo está mudando, vivemos um contexto de incertezas e de medos. Oportunidades e possibilidades vão sendo descobertas amiúde e, finalmente, a cultura, de modo localizado, já não é a mesma. No frenesi deste espaço humano incerto e instável, há uma polarização muito forte ou uma radicalização no modo de ser político, no modo de ser religioso, enfim, no modo de ser humano. A pandemia, como acontecimento inesperado, lançou a humanidade num “não lugar”, ou seja, no meio das incertezas para o amanhã. Projetar a longo prazo já não é uma tarefa simples e as decisões duradouras precisaram dar espaço à flexibilização.

Ainda neste momento pandêmico, coisas horríveis começaram a acontecer ao redor do mundo. Em especial, no Brasil: de queimadas a assassinatos; de uma política precária à incitação de motins; do racismo estrutural declarado à violência doméstica; da corrupção ao abandono dos pobres, a vida tem sido cada vez mais difícil. A esperança pode ser vista e sentida na eclosão de solidariedade que tem irrompido na nossa sociedade, a partir de atitudes isoladas de prontidão, sejam elas de grupos ou individuais, para atender os mais necessitados. O oposto também acontece. Vivemos em um mundo de divergências. O fato de divergir, que poderia ser positivo, tem se radicalizado em comportamentos que ferem a dignidade humana. Por isto, não há como pensar o trabalho da Pastoral Vocacional fora do contexto da dor dos povos oprimidos e marginalizados, numa cultura determinada. As feridas do mundo hodierno são o lugar pulsante do chamado que Deus não cessa de fazer. Isso me faz pensar que, talvez, as jovens e os jovens chamados, neste momento, estejam entre os que estão fazendo caridade, correndo riscos, levando cestas básicas, atendendo a pessoas fisicamente limitadas, abraçando causas sérias. Talvez estejam gritando por justiça e sofrendo por gritar. Talvez, ainda não tenham recebido um primeiro anúncio. Creio que estamos procurando nos lugares equivocados e, também, mandando mensagens inconsistentes aos que buscam propostas mais sólidas.

Atualmente, há uma propaganda vocacional que “vende” um projeto de vida por meio dos hábitos, das vestes litúrgicas, da emotividade espiritual, criando assim a visão de um mundo totalmente fora da realidade; como se os religiosos e os ministros ordenados pertencessem a uma classe superior de pessoas. A história é negada. Há um tipo de consagrados que mais parecem extraterrestres. A linha que guia o trabalho da Pastoral Vocacional, maioria das vezes, é a de “olheiros” que perseguem os perfis dos que se enquadram num molde

esperado, “os perfeitinhos”. Em decorrência disto, formam-se seres apolíticos, desencarnados e nada preocupados pela dor alheia. Isto acontece quando problemas sérios, que dizem respeito à vida no mundo, não são sequer considerados dentro de uma proposta de cultura vocacional. Sem o toque da divergência positiva, a Igreja caminhará ainda mais para o mutismo profético. Grandes profetas são homens e mulheres que já fizeram a experiência da dor, do abandono, da contestação e da crise. Os “modelinhos” de perfeição, nos quais, muitas vezes, buscamos candidatos (as), podem ser as causas reais dos problemas de amanhã. Os divergentes, quase sempre mal vistos, podem ser o raiar de um novo dia. Deus chama na história, Deus chama no hoje, Deus chama no sofrimento e Deus chama na periferia. Mudemos o nosso olhar. ■





*N*esta seção do ISV serão apresentados três textos que tratam da mudança da Direção no Santuário do Caraça. Assinam Pe. Lauro Palú, Pe. Luís Carlos do Vale e Pe. Alexandre Nahass.

Detalhe da porta de entrada da ala esquerda do Santuário do Caraça

Novo Diretor do Caraça

por Pe. Lauro Palu, CM

1. Quando houve o incêndio, na madrugada de 28 de maio de 1968, todos sentimos que se perdeu muita coisa do passado do Caraça, como a biblioteca, cerca de 35.000 volumes queimados e apenas salvos uns 15.000. Com o museu se queimaram as coleções de insetos, de fósseis, de aparelhos históricos, de física etc. Mas se perdeu também parte do seu futuro, porque, por exemplo, hoje, os ex-alunos mais novos já estão pelos 60-65 anos de idade. Em poucos anos já não teremos Coirmãos que tenham sido alunos do Caraça. Isto tem sido preocupação já há alguns anos.

Mas, graças a Deus temos Coirmãos que já são “caracenses” como os que mais o foram no passado. Assim, hoje toma posse como Diretor desta casa o Padre Luís Carlos do Vale Fundão, que aqui exercia o ofício de economo, fazendo na administração um aprendizado que o capacitou grandissimamente para este novo cargo e ofício.

2. Quando trabalhei como formador dos Nossos, em Petrópolis (julho de 1966 e o ano de 1967), em Aparecida (1979 a 1976), em Belo Horizonte (1977, 78 e 79), e também durante 12 anos como Assistente Geral, quando preguei, para os Coirmãos e os jovens em formação – sei que muitas vezes espantei alguns ouvintes dizendo que cada um, desde a formação inicial, deve preparar-se

para ser superior de nossas comunidades. E sempre tive que responder às objeções: isto não é vaidade, nem presunção; é o mínimo de bom senso, já que muitos de nós vamos ser superiores e diretores das Comunidades e das obras da Província; vários de nós vão ser Visitadores nalguma fase de suas vidas, e uns poucos chegarão a Assistentes Gerais, algum a Superior Geral... E seria sumariamente irresponsável, arriscado, possivelmente condenado ao insucesso e ao prejuízo dos outros das obras e instituições se viéssemos a aceitar um cargo de responsabilidade social, como formador e especialmente como superior de Comunidade Local.

E posso acrescentar que os Superiores locais se esforcem por preparar-se, executando bem suas tarefas, para a hora em que forem eleitos Visitadores, para que possam responder, com espírito completamente honesto, diante de Deus e dos Coirmãos, que aceitam o cargo para para o qual acabem de ser eleitos. Não se trata de querer ser Visitador, o que não parece muito recomendável, vistas as exigências do ofício, mas de ser menos incapazes para realizar serviços que nos são pedidos, que não buscamos com vaidade e presunção, mas que aceitamos com seriedade, respondendo a um chamado de Deus, a uma das realizações de nosso ato de obediência e de serviço aos Pobres, quando eleitos para o cargo de Visitador e Superior Provincial, sendo o Visitador uma

das mediações institucionais de nossa obediência e de estabilidade.

3. No momento de transferir para Padre Luís Carlos o ofício de Superior do Caraça permito-me apresentar-lhe três ajudas substanciais para bom êxito de sua nova missão.

a) Primeiro que tudo, procure servir, não ser servido. Procure coordenar, liderar, animar em vez de querer mandar e impor.

Isto se chamará presença amiga na Comunidade, nas duas instâncias de seu novo ministério, em relação aos Coirmãos e no trato com os Funcionários, sendo nós todos os servidores evangélicos que Deus põe à frente destas milhares de pessoas que vêm ao Santuário do Caraça, como visitantes ou como hóspedes com suas excursões de alunos, Párcos à frente de movimentos e grupos pastorais das paróquias e dioceses, como chefes de departamentos, pesquisadores de laboratórios, que vêm estudar as maravilhas biológicas e naturais de nossa Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Lembro, na simplicidade e amizade, na verdade e na função de vossas atribuições nesta casa, que a qualidade desta presença amiga é muito concreta: não é só estar na casa, não estar ausente, pois estranham e sentem nossas saídas ou viagens. Todos sentimos como incomodou e levou um pouco de tristeza aos nossos rapazes e às meninas dos diversos ofícios o fato de nosso querido Padre Wilson Belloni ter deixado, aos poucos, de responder bom dia ou ao pedido de bênção, por parte dos Funcionários, na medida em que foi perdendo a capacidade de ouvir, nos seus últimos anos. Por isto, se somos menos ouvido, devemos ser mais olho, mais coração, mais presença amiga, que é o que estou conceituando em primeiro lugar.

Ressalto, como pessoa, sinais de que é a presença amiga, que você viveu espontaneamente, delicadíssima, comigo: um dia comentei que falava mais alto quando me dizia alguma coisa. Era para eu não ter que ficar perguntado “como é que é?”; quando eu também comecei a ficar de ouvido mais duro, a escutar menos... E, quando reforcei meu tratamento de saúde, quando se oferecia quase todos os dias para presidir a celebração da missa, para eu poder, mais caladamente ir fazer minhas humildes dejeções (ou mais prosaicamente, ir urinar). Sem falar das vezes em que me levou a Belo Horizonte para as consultas e quimioterapias. E das vezes em que me levou ao Triângulo Mineiro, para as férias, voltando no dia seguinte, sem nem descansar um dia,



Pe. Luís Carlos e Pe. Lauro Palú celebram a Eucaristia no Santuário de N. S. Mãe dos Homens

Foto: enviada por Alexandre Nahass

uns dias. Torço, de coração, para que na alegria e generosidade sejam bonitas assim, para a glória de Deus e alegria de São Vicente que sonhava e rezava para que nos tratemos assim em comunidade, como amigos que se “querem bem”.

b) A segunda qualidade que lhe pedimos e desejamos é sua confiança. É preciso saber que a confiança, na realidade, não deve ser os votos que as conquistem pelo modo de agir, de tratar-nos, de corresponder com o cumprimento de seus ofícios e tarefas. A confiança é você quem nos oferecerá. E nosso trabalho, nosso desafio e nosso compromisso será corresponder à confiança com que você nos tratar. Isto tem muitas consequências, exigências específicas de atenção, generosidade, diálogo, paciência, compreensão e perdão.

c) E, para o exercício completo de uma missão de liderança servidora de nossa Comunidade, o terceiro meio que lhe recordo é a graça de estado.

Quando Deus nos chama ao Sacerdócio ao Episcopado, ao Martírio, é certo que já nos dotou das capacidades correspondentes, segurança, firmeza, coerência, generosidade, prontidão, atenção a todos e a tudo, lucidez e alegria, quanta coisa boa para por-nos a serviço de nossos irmãos e irmãs, em nosso ministério! A graça de estado não cria de nada nossas respostas, mas é Deus que tira, com bênção especiais de seu Espírito Santo, nossas atitudes para a liderança fraterna a serviço do Reino.

Padre Luís Carlos, Deus o chamou e o acompanhará em todos os seus momentos: e é por isto que temos confiança em você, a alegria de corresponder aos seus esforços, o gosto de acompanhá-lo no que sonhar e propuser para nossa Comunidade, nossa obra e nosso ministério. Que Deus o abençoe e faça de você uma mediação sincera e transparente para nossa obediência e nossa consagração.

Nossa Senhora Mãe dos Homens, São Vicente, Dom Viçoso: olhe quanta gente boa para ajudá-lo, além de nós mesmos!

Gratam profiteri animam nostram Patri Lauro!

Nossa gratidão ao padre Lauro

por Pe. Luís Carlos do Vale Fundão

Depois de longos e frutuosos anos de trabalho no Colégio São Vicente de Paulo, na cidade do Rio de Janeiro, Padre Lauro Palú, CM foi transferido para a comunidade missionária do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Serra do Caraça, em 2013. Nessa ocasião, o Pe. Wilson Belloni, CM (in memoriam) era o Superior em exercício. Pe. Lauro recebeu sua nomeação e posse de Superior do Santuário do Caraça em 2014, numa celebração alegre, piedosa e com a participação de vários amigos, coirmãos e colaboradores do Santuário.

Foram seis anos de trabalho e irrestrita doação a essa obra bicentenária. A presença do Pe. Lauro na função de Superior garantiu ao Santuário a preservação da seriedade, firmeza e importância do mesmo no cenário nacional e internacional. Em sua atuação como Superior, procurou manter viva a comunhão do Caraça com a Associação dos Ex-alunos; viabilizou a propagação da imagem do Caraça como um espaço de pesquisa e produção de conhecimento; inúmeras palestras foram conferidas aos hóspedes, visitantes, alunos de escolas, estudantes universitários e professores; realizou um invejável trabalho de acolhida aos hóspedes e visitantes fazendo com que todos se sentissem em casa e, mais ainda, que cuidassem do Caraça como suas próprias casas; zelou pela conservação ambiental desses mais de 12 mil hectares de terra, mos-

trando aos visitantes que a maior beleza dessa unidade de conservação não está só no macro do que se vê, mas, também, nas pequenas coisas criadas por Deus.

Um exemplo disso são as suas fotos expostas no museu, as quais mudam radicalmente o olhar das pessoas que as contemplam; infindáveis grupos de peregrinos foram atendidos por esse nosso coirmão, que, fiel à celebração diária da Santa Missa, alimentou com o pão da Palavra e da Eucaristia a muitos! Além disso, atendeu às muitas direções espirituais, confissões, promoveu reconciliações e recebeu de volta, no seio da Igreja, diversos convertidos.

Com um excelente espírito de liderança, Pe. Lauro sempre soube reconhecer os dons de cada um e valorizá-los. Cada coirmão pôde, no período do seu mandato, sentir-se valorizado, estimado e realizado no trabalho que teve a chance de desempenhar ao longo desses anos. O mesmo se diga em relação ao grupo dos colaboradores: uma capacidade fantástica de realizar gestão de pessoas. Não há um só colaborador que não se sinta grato, respeitado e valorizado pelo Pe. Lauro.

Amado, respeitado e querido por todos, as suas palavras sempre foram assertivas, iluminadoras e de muita segurança nas reuniões da nossa comunidade missionária, nas reuniões que promoveu com os colaboradores e

Pe. Lauro Palú em seu ritual matinal junto a jacus e canários.



Foto: Adriano Ferreira

A autoridade como serviço de amor

A Família Vicentina, que, desde os tempos de São Vicente e Santa Luísa, conhece a figura do Superior na Congregação da Missão, da Irmã Servente na Companhia das Filhas da Caridade e da Presidente nas Confrarias da Caridade, precisa mais do que nunca refletir sobre a figura e o ofício do Coordenador de uma comunidade, a fim de que o dom que Deus lhe deu como missão seja cada vez mais fecundo, profético e revitalizador de seu apostolado e de sua presença na comunidade.

Um grande desafio hoje para nossas comunidades é o serviço de animação, diante de alguns problemas que enfrentamos nas relações interpessoais de nossos irmãos. Por isso ser Superior de uma comunidade no sentido evangélico fala, sobretudo, do serviço que brota, necessariamente, de uma caridade autêntica.

A raiz evangélica de exercer o cargo de Superior está na caridade fraterna. O Superior deve ser uma pessoa apaixonada por Deus e pelo Reino, deve ser em sua comunidade não só o primeiro a amar, mas o grande incentivador dos demais, favorecendo, de todas as formas e meios, a adesão apaixonada dos companheiros a Jesus e à sua causa. Sua primeira missão não é com a instituição, mas com as pessoas a ele confiadas. Seus esforços devem, então, voltar-se para a fidelidade da comunidade (e a sua, inclusive) a Jesus e a seu projeto. Não adianta ser excelente obreiro, exímio administrador e ótimo burocrata se sua comunidade está desprovida de referencial evangélico, de testemunho impulsionador; se sua comunidade não tem nela alguém que dá provas de que vale a pena a consagração à causa dos pobres e o esforço pelo apostolado, alguém que, apesar de suas limitações, tem clareza quanto a sua missão e empenha-se real e assiduamente na conformação da própria vida à vida do Senhor. Neste sentido, vejamos o que nos diz São Vicente: Não, meu Padre, nem a filosofia, nem a teologia, nem os discursos produzem nada nas almas; é preciso que Jesus Cristo trabalhe

nisto conosco, ou nós com ele; que trabalhemos nele e ele em nós; que falemos como ele e em seu espírito, assim como ele mesmo estava em seu Pai e pregava a doutrina que o Pai lhe havia ensinado; é esta a linguagem da Escritura. É preciso, pois, meu Padre, esvaziar-se de si mesmo para revestir-se de Jesus Cristo (SV XI, 343).



O Superior não está sobre os demais, acima de seus companheiros, como numa pirâmide. Também não está no centro, relegando os demais à periferia da comunidade. Esta presunção termina quando o Superior se coloca junto, um com os seus, na grande fraternidade dos filhos de Deus, que optam por uma vida e missão comum. Novamente vejamos o que diz São Vicente: “Sobretudo, não tenha a paixão de parecer Superior nem de bancar o mestre. Não sou da opinião de uma pessoa que dizia, dias atrás, que, para bem governar e manter sua autoridade, era preciso fazer ver que era o Superior. Ó meu Deus! Nosso Senhor Jesus Cristo não falou assim; ensinou-nos exatamente o contrário por palavras e exemplos, dizendo que ele mesmo tinha vindo não para ser servido, mas para servir os outros e que quem quer ser o mestre deve ser o servo de todos. Entre, pois, nesta santa máxima, comportando-se com aqueles com quem vai viver quasi unus ex illis, dizendo-lhes logo que você não veio para lhes mandar, mas para os servir” (SV XI, 346).

Motivados pela disposição do Coirmão para servir, numa sublime Ação de Graças, celebramos a Eucaristia no dia 5 de Julho de 2020, onde o Pe. Luiz Carlos do Vale Fundão, CM assumiu a sua missão de Superior da Comunidade do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Pe. Alexandre Nahass

representantes de entidades e grupos afins. A qualidade da sua presença sempre garantiu o bom resultado nas tomadas de decisões.

Creio que três palavras definem muito bem esse período do mandato desse nosso coirmão como Superior: amizade, companheirismo e paternidade. Pe. Lauro procurou ser o amigo que todos nós precisamos em todos os momentos. Sobretudo, nas horas difíceis. Certa vez, Padre Lauro disse-me: “Vou te apoiar no que você precisar e estarei com você até o fim”. Essas palavras de ânimo e de encorajamento incentivaram-me a continuar seguindo em frente. O apoio incondicional vinha acompanhado das pontuais correções que sempre me ajudaram muito! Amigo fiel e muito presente em nossas vidas, Pe. Lauro esforçou-se por manter a unidade da comunidade e que ela fosse um ecossistema saudável aonde todos pudessem se sentir bem e queridos.

Companheiro, Pe. Lauro sempre esteve conosco em todos os momentos. Procurou ser sempre uma presença de amiga entre nós. Além disso, nunca se permitiu falar mal de ninguém e, por isso, não gostava quando alguém se referia a outra pessoa negativamente sem que ela estivesse presente e não pudesse defender-se. Dizia sempre: “se eu não puder te ajudar, também não vou falar mal de você”. Zeloso pelos compromissos comunitários, sempre garantiu a fraternidade à mesa, cuidando para que o assunto nunca se extinguisse.

A paternidade é outra característica do Pe. Lauro. Se “pai” quer dizer “pai”, foi exatamente isso que ele

foi ao longo desses seis anos como Superior dessa obra. Pai dos coirmãos que dividiram a vida com ele durante esse período e dos colaboradores que fazem o Caraça ser o que é. Pai no sentido de dar proteção, amparo, carinho, presença amiga, mas, também, no sentido de ser firme quando precisou, sem contudo, ser autoritário e impositivo.

A história do Caraça segue em frente! Recebi do Pe. Lauro, em cerimônia eucarística no Santuário, a missão de continuar o seu trabalho. Fiz um juramento diante de Deus de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para manter a comunidade unida, alegre, orante, perseverante e fraterna. Pe. Lauro continuará sendo um membro importante desta comunidade caracense. Como animador cultural, nos ajudará ainda mais a manter viva a Tradição, a identidade da obra e a memória dos coirmãos que ajudaram a construir essa importante instituição que continua sendo uma casa de educação, cultura, conservação ambiental e peregrinação.

“A Vós ó Deus louvamos! A Vós ó Deus cantamos!”

Receba, Pe. Lauro Palú, a gratidão do Santuário do Caraça, da Província Brasileira da Congregação da Missão e de toda a Igreja pelo seu trabalho e dedicação a essa obra de Deus! ■

Da Redação

Comentários sobre os materiais produzidos para os 200 anos da Congregação da Missão no Brasil

Nossa redação recebeu uma série de agradecimentos, impressões, elogios e críticas sobre o Livro e o Documentário dos "200 anos", destacamos alguns trechos destes depoimentos

Agradeço a gentileza do envio do livro comemorativo dos 200 anos da presença da Congregação da Missão no Brasil. Viva São Vicente de Paulo e a grande Congregação da Missão, os Vicentinos e as Vicentinas de todos os lugares e de todos os tempos. Envio saudações a todos os padres vicentinos que conheci e com quem trabalhei em Mafra e outros lugares. A Igreja no Brasil tem muito a agradecer a Deus as Missões Vicentinas no Brasil: o cuidado com os pobres, a missão evangelizadora, a formação sacerdotal, os Institutos de Ensino Filosófico e Teológico, etc, etc. Meu abraço, prece, congratulações, com sentimentos de gratidão e admiração.



Dom Orlando Brandes
Arcebispo Metropolitano de Aparecida



Nestes 200 anos de história, a Congregação difundiu-se fecundamente pelo Brasil, chegando às regiões mais sofridas e afetadas pela falta de assistência dos órgãos públicos e pela própria Igreja. Esta história iniciada no dia 15 de abril de 1820, pelos Padres Leandro Rebelo e Antônio Viçoso continua através de cada Padre ou Irmão Lazarista que se dispõe a trilhar pelas veredas do amor-doação, anunciando a Boa Nova com alegria e esperança, comunicando a todos a bondade e o amor misericordioso de Deus. Agradeço-lhe pelo Livro: "Congregação da Missão 200 anos no Brasil", a mim enviado para fazer-me participar das comemorações previstas para celebrar este bicentenário. Que este Ano Jubilar reavive no coração de todos os Coirmãos o estímulo necessário para responder aos apelos dos pobres e de uma Igreja em saída, com a mesma generosidade e solicitude de São Vicente de Paulo.



Ir. Caetana Luiza Heleno Gomes
Superiora das Filhas da Caridade da Província de Belo Horizonte



Gostaria de agradecer os vários exemplares da obra alusiva aos 200 anos da Província Brasileira da CM, que teve a amabilidade de nos enviar. É uma excelente obra, que assinala de forma exemplar o marco histórico dos 200 anos da PBCM.

Diante disto, gostaria de lançar-vos um repto: de acordo com a história de que agora fazemos memória, outrora foram os missionários lazaristas portugueses a partir para a Terra de Vera Cruz. O zelo missionário impeliu-os para levarem o Evangelho a novas latitudes, sempre com o objetivo de "levar a Boa Nova aos pobres". Tendo em conta que em Portugal temos muitas comunidades de emigrantes brasileiros, algumas enquadradas em zonas muito humildes, por que não pensarmos numa parceria conjunta entre as nossas províncias no sentido de serem agora os missionários lazaristas brasileiros a partir para Portugal. Estamos disponíveis para receber em Portugal um confrade que pudesse, por exemplo, acompanhar estas comunidades de emigrantes brasileiros. Para além dos trabalhos pastorais, poderia inclusivamente aprofundar os estudos académicos numa das nossas universidades.

Pe. Nélio Pitta
Superior da Congregação da Missão da Província de Portugal



Recebi, e agradeço, o belo trabalho preparado em vista da presença, já ao longo de 200 anos, da Congregação da Missão no Brasil: CONGREGAÇÃO DA MISSÃO 200 ANOS NO BRASIL. Uno-me ao Magnificat que elevam aos céus por tudo o que fizeram e receberam, e imploro as bênçãos do SENHOR sobre a Família Vicentina, para que possa ser mais e mais fiel ao seu carisma.



Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Administrador Apostólico da Arquidiocese de São Salvador da Bahia



Que Documentário maravilhoso sobre os 200 anos dos Lazaristas Vicentinos, no Brasil. Deus continue abençoando a todos com o Serviço de caridade afetivo e efetivo (como nos ensinou o Padre Agnaldo Aparecido, nas Formações Vicentinas das quais participei). Faz parte da História no nosso Brasil, que ontem completou 520 anos. Parabéns, Missionários!!!

Maria da Graça Chaves Moreira
Comentário via YouTube



As Filhas da Caridade da Comunidade Virgo Portens de Caxambu, parabenizam todos os Padres da Congregação da Missão, pela iniciativa de fazer um documentário relatando os 200 anos de evangelização no Brasil e a sua atuação em todo o processo educativo junto aos pobres.

Ir. Rosália Vieira
Comentário via YouTube



Tenho profundo respeito pela história da CM. Sou grato pela formação recebida e pela vivência adquirida. O homem que sou hoje carrega um pouco de tudo que vivenciei dentro da PBCM. Parabéns aos padres e irmãos da PBCM pela belíssima história destrutada nesse documentário.

Osmar Rufino Dâmaso
Comentário via chat ao vivo do YouTube



O vídeo está muito bem feito. No entanto, para quem conhece a PBCM, dá para perceber um trinômio Caraça-BH (Paulo VI)-Rio de Janeiro que restringe e muito a informação sobre a atuação dos padres nesses 200 anos. E os locais de missão na Bahia, no Interior de Minas, Contagem, Campina Verde...? E os outros lazaristas que compõe a PBCM? Poderiam ser lembrados ao menos que de nome, flash's, fotos... Por se tratar de um documentário comemorativo acho que faltou apresentar uma PBCM mais abrangente. Pensei que o documentário também falaria dos lazaristas e sua atuação junto as FC, SSVP, MISSEVI, JMV... Pensei que iria mostrar as casas de formação, a casa Dom Viçoso... Sei que seria impossível abarcar a grandiosidade do trabalho de vocês e todo o legado histórico dos lazaristas. Reconheço que seria muito exigir isso. Mas se tratando de 200 anos de história caberia cada uma dessas coisas mencionadas. Desejo aos filhos de São Vicente de Paulo muito mais que 200 anos de história! Rezo a Deus frequentemente pela Congregação! Vocês fizeram parte da minha vida em algum momento! Agradeço a Deus por experimentar o carisma vicentino junto a JMV e nas Missões do mês de janeiro na minha adolescência e juventude. Sinto imensa saudade do convívio com alguns padres e saudades de outros que se foram! Deus abençoe a toda PBCM!

Também estamos muito felizes em participar dessa celebração bicentenária e louvamos a Deus por todo o bem que a Congregação da Missão sempre proporcionou em nossa querida Diocese de Luz-MG.

Iácones Batista Vargas
Comentário via YouTube



Thiago da Mata
Comentário via YouTube



"Congregação da Missão: 200 Anos no Brasil" é o retrato de uma empreitada que, iniciada a 15 de abril de 1820, foi amiúde edificada com a força dos braços e o suor do rosto de nobres inúmeros missionários. É uma obra para recordar e celebrar. Recordação que se desvela página a página por notabilíssima sinceridade no trato das fontes e análise dos eventos. Celebração, feita à luz do Evangelho e das palavras do Fundador, consignando a centralidade do carisma vicentino. É um livro generoso e solidário. Belo. Necessário!

Mauro Sérgio Santos Silva
Ex-Seminarista Vicentino
Educador e Poeta



**Resposta da página
Lazaristas Brasil**

Olá Thiago, agradecemos os seus votos e orações, esperamos que você possa estar conosco na caminhada vicentina sempre que puder, pois juntos somos mais fortes! Entendemos seus questionamentos sobre o material e agradecemos por apresentar alguns contrapontos, o que é sempre bem-vindo. Uma breve tentativa de explicação aos seus pontos: o objetivo do documentário não é mostrar cada obra especificamente, mas mostrar as principais áreas de atuação da PBCM ao longo destes 200 anos. Assim, demos destaque à formação do clero (representada pelo Caraça e ISVP) à formação da juventude e educação escolar (representadas pelo CSVP) e às missões paroquiais e de evangelização (representadas pela Paróquia Pai Misericordioso). O motivo de não passarmos em todas as obras diz respeito a adaptações necessárias ao nosso orçamento que não permita viajarmos a todas as obras da PBCM, o que solucionamos escolhendo as obras-símbolo destacadas no Documentário. No mais, este não é o único material, haverá outros, inclusive já publicamos um livro em que todas as obras atuais recebem o devido e merecido destaque. Deus o abençoe e o guarde sempre! Abraços.



Da Redação

www.pbcm.org.br

Mudança de domínio, reorganização dos conteúdos e aparência leve renovam o site da PBCM

Foi lançado durante o mês de julho de 2020 a nova versão do site da Província Brasileira da Congregação da Missão. De acordo com o Visitador, Pe. Eli Chaves dos Santos, o novo sítio é onde estão disponíveis o acervo de artigos, informativos, documentos, vídeos, fotografias, links e outros subsídios que podem contribuir no sentido de nos ajudar a viver o carisma vicentino. Neste espaço há informações acerca das casas e obras da PBCM, estrutura institucional, formação, vida eclesial e instruções para acompanhamento vocacional. Nas palavras do Pe. Eli: “ao partilhar esse material, desejamos tornar conhecida a missão vicentina, despertar e somar forças para, juntos, abraçarmos a causa de serviço aos Pobres, no seguimento de Jesus Cristo evangelizador dos Pobres.

No layout simples, com linguagem objetiva, trazemos a versão mais recente do logotipo da Congregação da Missão. O portal apresenta uma interface que favorece e facilita a navegação intuitiva do usuário. Passando ao domínio “.org”, coerente com a condição de organização religiosa sem fins lucrativos da PBCM, o novo endereço traz em sua página principal três banners de destaques, com assuntos diversos de interesse da PBCM, que serão renovados sazonalmente. Ainda na “home”, a página oficial da PBCM na web apresenta destaque para o Pensamento de São Vicente, que é alternado de forma randômica a cada novo acesso.

O grupamento dos Santos Vicentinos também foi revisado, atualizado e disposto em um carrossel animado contendo 29 santos vicentinos ou bem-aventurados e suas respectivas datas litúrgicas. Clicando no ícone disponível na página principal o usuário é direcionado para uma página que traz uma imagem representativa, acompanhada de sua biografia resumida.

As últimas notícias publicadas também estarão em destaque na página principal do site www.pbcm.org.br, separadas a princípio dentro das editorias “Institucional”, “Informativo”, “Religiosidade” e “PBCM”. Novas seções serão criadas à medida que forem surgindo outros assuntos de interesse dos Coirmãos, dos participantes das casas e obras da PBCM e das comunidades atendidas.

Na página principal do site da PBCM há ainda outras seções em evidência: “Artigos” em que nome e foto do autor, título e subtítulo dos últimos artigos são destacados; e “Informativo”, que apresenta as quatro últimas edições do Informativo São Vicente. Ao clicar em cada uma das revistas o leitor será encaminhado para a seção “Informativo”, em que o usuário poderá ampliar a capa, ler online, fazer o download ou acessar seções mais antigas da publicação.

Os vídeos disponibilizados nos destaques da página principal são inseridos previamente no canal oficial do YouTube Lazaristas Brasil (www.youtube.com/lazaristas-brasil). Já estão disponíveis vídeos como o documentário Congregação da Missão, 200 anos no Brasil e outros vídeos produzidos pelo departamento de Comunicação da PBCM. Caso ainda não tenha feito a inscrição neste canal, recomendamos que assine, ative o sino para ser notificado sempre que houver novidades e convide os amigos.

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que o novo site estará constantemente em atualização e deve ser abastecido com as informações enviadas pelos representantes das casas e obras da PBCM. Qualquer sugestão é bem-vinda e deve ser encaminhada para o Departamento de Comunicação da PBCM no e-mail informativo@pbcm.org.br. ■

Printscreen do novo site da PBCM (Detalhe da página inicial)





Da Redação

Como será o amanhã?

Leonardo Boff participa de bate-papo promovido pelo CSVP

zoom

Lec...ard...Bo... 34:39 / 1:41:15

Zoom interface icons

Printscreen da Live "Como será o amanhã" promovida pelo CSVP, no YouTube

Enquanto muitas pessoas não veem a hora de retornar ao "antigo normal", muitas outras afirmam que o modelo de ser humano, de estrutura social reinante e as estruturas de relações não eram tão adequados assim que mereçam nosso retorno puro e simples ao que era. Com o intuito de refletir sobre o contexto trazido pela disseminação em massa do novo Coronavírus e às alternativas para o pós-pandemia, o Colégio São Vicente de Paulo, obra da Província Brasileira da Congregação da Missão, realizou, no dia 9 de julho de 2020, uma roda de bate-papo com o professor Leonardo Boff. Sob a temática "Como será o amanhã", a reunião online foi aberta pelas palavras do Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM, membro da diretoria da PBCM e diretor pedagógico do CSVP. Ex-aluno de Leonardo Boff, ele declarou que estava feliz com o aceite do convite do antigo professor. Com audiência de aproximadamente 300 pessoas, que enviaram suas perguntas e interagiram com o palestrante em tempo real, o encontro virtual foi mediado pelo professor de história do CSVP e jornalista, Raphael Kapa.

Na primeira parte da roda de bate-papo, Leonardo Boff comentou que, nesses tempos de pandemia, tem visto as televisões colocarem o foco na medicina e na busca por uma vacina. O professor, filósofo e teólogo não se opõe às recomendações de higiene e prevenção como o uso da máscara, o isolamento social etc. pelo contrário, ele considera tais medidas essenciais neste momento emergencial que estamos passando. No entanto, Boff afirma que o Covid-19 veio da natureza e que toda essa problemática nos faz repensar a nossa relação com o planeta, que produziu não só esse vírus como também a Zica, a Chicungunha, a SARS, o Ebola e outros tantos, bem como outros fenômenos que sinalizam desequilíbrio, como o aquecimento global. Isso tudo nos força a repensar a nossa relação com a natureza".

Leonardo Boff nos lembrou que o Papa, em sua encíclica, disse: "nunca maltratamos tanto a mãe Terra como nos últimos séculos". A Carta da Terra seria ainda mais radical: "diz que estamos em um momento crítico da história da humanidade, no momento em que devemos fazer uma decisão: ou fazemos um pacto de cuidado uns dos outros e cuidado da

Terra, ou assistiremos à nossa própria destruição e a destruição da diversidade da vida, de nossa própria natureza. Institutos e entidades globais como o Instituto Marx Planck, disseram: vocês não só podem como devem dizer isso, porque esta é a situação real da Terra. Estamos em uma situação de emergência. E a leitura desses dois documentos nos permitirá fazermos uma reflexão aprofundada sobre o que está acontecendo hoje, em nível mundial. E eles colocam muito acento sobre a nossa relação com a nossa natureza e com a mãe Terra", alerta Boff.

A Carta da Terra foi citada na *live* como um documento que deve ser revisto e valorizado nos dias de hoje: "o ser humano é uma porção da terra. Essa porção da terra começou a amar, venerar, daí veio o ser humano. Homem vem de húmus – terra fértil". Ele lembra que a mesma mensagem também está na encíclica do Papa: "nós somos terra. Somos aquela porção da terra que pensa. E a própria terra, através de nós, contempla a majestade do universo. Ela se sente parte disso tudo, através de nós. Mudar a mente é ter uma compreensão nova da terra. Ela é mãe e nós somos não somente filhos e filhas, mas a própria terra pensante, inteligente, amável".

De acordo com o professor Leonardo Boff, a pior coisa que poderá nos acontecer é voltarmos ao que éramos antes: "ai sim a Terra não aguentaria e nos mandaria um vírus mais poderoso". Então, ele alertou-nos para a importância da reflexão e do recolhimento: "Sei que muita gente sofre. Sofrem tanto que a cada 17 segundos alguém está se suicidando no mundo. Porque não se pode abraçar, não se pode conviver. O ser humano é um ser social, adora ser uma pessoa amada, abraçar a mãe, o irmão. Todos nós sofremos. É uma humanidade sofredora carregando uma cruz muito pesada. E nós queremos nos libertar. Mas nos libertar no propósito lançado aqui nesta roda de conversa: que mundo nós queremos e devemos construir para que todos possamos viver com honestidade, com alegria, com condições suficientes e decentes para toda a humanidade?" Fica o convite a todos para a reflexão. O vídeo pode ser conferido na íntegra no canal do YouTube do Colégio São Vicente de Paulo: www.youtube.com/csvprj. ■

Dica de Filme: Milagre na cela sete

Direção: Mehmet Ada Öztekin
 Lançamento: 2019
 Disponível na Netflix

O filme turco, que é uma nova versão de uma produção coreana de 2013, tornou-se um sucesso assim que chegou no catálogo da Netflix esse ano. De extrema sensibilidade, seja com o enredo ou com a belíssima fotografia e trilha sonora dramática sempre presente, o filme está fazendo muita gente ficar emocionado abordando temas como a relação entre pai e filha, "bullying" e injustiça.

A trama conta a história de Memo, um pai com um distúrbio cognitivo que o faz agir como uma criança, que vive com sua filha Ova, órfã de mãe desde cedo, e sua avó Fatma, em um pequeno vilarejo. As coisas mudam drasticamente quando Memo acidentalmente testemunha a morte da filha de um tenente do exército turco.

Ele é preso injustamente, mesmo sendo claramente inocente. Nesse ponto vemos como o poder daqueles que o condenam é utilizado apenas para saciar um falso senso de justiça, pois não existe de fato justiça quando o culpado é o próprio acaso. Sendo assim, a impotência é retratada tanto do lado de Memo, com toda sua ingenuidade, culpado por um crime não cometido, quanto pelo tenente, por usar seu poder contra alguém na tentativa de amenizar a dor da perda de sua filha.

Conforme aguarda sua sentença de morte na cela 7, Memo tem o tempo como seu inimigo também em relação a aceitação dos demais detentos, que o julgam tanto pelo crime não cometido quanto pelo seu jeito de ser. Vemos novamente uma tentativa falha de justiça, dessa vez de forma mais violenta, agressiva e até irônica, pois vem daqueles que aguardam na mesma fila

por um julgamento, e de fato tem as mãos sujas. E mesmo assim, é sem nenhum contra-ataque que Memo vence seus companheiros da cela 7, ao mostrar constantemente sua essência e ingenuidade, provando que não teria capacidade de cometer tal ato.

Agora, com apoio e compreensão dos demais, o protagonista tem cada vez mais ajuda para provar sua inocência, inclusive ao receber a visita de sua filha Ova; o que traz um tom mais leve diante ao drama do filme, criando uma relação de amizade entre a garotinha e os prisioneiros, humanizando personagens que, mesmo com um passado de crimes, agora não são mais pintados apenas como vilões, mas como pessoas complexas, que é de fato o que todos nós somos, um misto entre boas e más escolhas.

Com abordagens que vão desde a relação entre pai e filha até críticas sociais, abuso de poder, falha no sistema carcerário e intolerância, o filme traz reflexão sobre os que detêm o poder, a luta pelo direito à vida e até o questionamento sobre a vida pós prisão.

O milagre, cujo título nos remete à algo religioso, acontece no final do filme de maneira surpreendente e emocionante. Em tempos difíceis de uma crise mundial sanitária e econômica, é sempre bom lembrar a

esperança na humanidade e a busca da conscientização pela luta da dignidade do ser humano, sobretudo os mais pobres. ■

Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

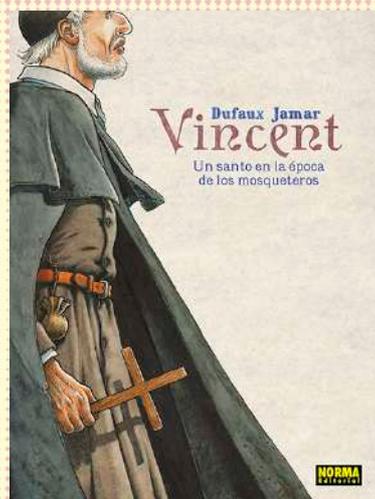


Dica de Livro: Vincent, un santo en la época de los mosqueteros

Autor: Dufaux Jamar
 Editora: Norma Editorial

O livro é uma interessante novela ou romance, no estilo comic ou história em quadrinhos, que se inspira em aspectos da biografia de São Vicente de Paulo. Trata-se, na verdade, de uma apresentação livre de algumas facetas de sua trajetória, apoiada mais na imaginação do que na história. Fiáveis historicamente só mesmo o personagem e parte de seu entorno social. A trama é uma criação literária, primorosamente ilustrada e didaticamente apresentada. Desprovida de pretensão espiritual, limita-se a apresentar seu protagonista como um ilustre personagem do grande século (XVII) e, quando muito, da história do cristianismo de então. Em sua perspectiva eminentemente laica, Vicente de Paulo refulge como um humanista de primeira linha, notável por seu espírito altruísta e de ampla irradiação social. As obras empreendidas pelo personagem e as expressões colocadas em seus lábios não deixam de revelar algo de seu perfil psicológico e do espírito de fé e caridade que animava suas ações. A tradução espanhola tem algumas imprecisões, uma mostra da pouca familiaridade do tradutor com a terminologia religiosa ou eclesiástica. Sumamente relevante o dossiê biográfico acrescentado ao final. ■

Pe. Vinícius Augusto Teixeira, CM



Tecendo a manhã

João Cabral
De Melo Neto

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.



Provincia Brasileira da
Congregação da Missão

INFORMATIVO SÃO VICENTE

Sugestões e contribuições: informativo@pbcm.org.br



LAZARISTASBRASIL